

Recordar é Viver

Salvador Pugliese

04/Março/2006

ÍNDICE

	Introdução	05
I	Recordações	07
II	Música	10
III	Música e Carnaval	13
IV	Divertimentos	16
V	Futebol	18
VI	Curiosidades	21
VII	Cinemas	23
VIII	Bancos	24
XIX	Nonna	25
X	Sacco e Vanzetti	26
XI	Francesco de Pinedo	27
XII	1º de Maio de 1938	28
XIII	Encerador	29
XIV	Saudade, Cuore e Promessi Sposi	30
XV	Noite de Reis	36
XVI	Matarazzo	37
XVII	Médicos	38
XVIII	Barbeiro	40
XIX	Unione Dei Viaggiatori Italiani	41
XX	Estradas de ferro	42
XXI	Centenário da Independência	44
XXII	Jornais e revistas	45
XXIII	Cafês	46
XXIV	Barões do café	47
XXV	Travessuras	48
XXVI	Modas masculinas e femininas	49
XXVII	Transportes urbanos	50
XXVIII	Farmácias e drogarias	51
XXIX	Light & Power	52
XXX	Epidemia de doenças contagiosas	54
XXXI	Tiro de Guerra	55
XXXII	Revolução de 1932	56
XXXIII	Balões	57
XXXIV	Pipas, papagaios ou barriletes	58
XXV	Restaurante Quaglia	59
XXXVI	Charles Lindenberg	60
XXXVII	Istituto Lievore	61
XXXVIII	Teatro Sant'Anna	64
XXXIX	Cantinas e Pizzerias	66

XL	Serralheiros	68
XLI	Pauladas	69
XLII	Crime da mala	70
XLIII	Gino Amleto Meneghetti	71
XLIV	Quarto Centenário da Fundação da Cidade	72
XLV	Violinistas famosos	73
XLVI	Figlio Mio, È Meglio un ciuccio vivo che nu scenziato morto	74
XLVII	Prédio Martinelli	75
XLVIII	Ruiva	76
XLIX	Jangadeiros improvisados	77
L	Beniamino Gigli	78
LI	Americo Jacomino, o Canhoto	79
LII	Morre Paraguassu: o último seresteiro	80
LIII	As Operetas	83
LIV	Maestro Leon Kanievsky	85
LV	As óperas e o Theatro Mvncipal	86
LVI	Música Popular	90
LVII	Companhia de Revistas	92
LVIII	Ford de Bigode	93
LIX	Batina do padre	94
LX	Palácio das Indústrias	95
LXI	Os Vitrais	96
LXII	Monteverdi	97
LXIII	Artesão de violinos	99
LXIV	Tito Schipa	101
LXV	Fritz Jank	103
LXVI	Dirigível Hindenburg	104
LXVII	Pioneiros da aviação comercial em São Paulo	105
LXVIII	Casa de Penhores	106
LXIX	As irmãs Minelli	107
LXX	Rádio Gazeta	109
LXXI	Gasogênio	111
LXXII	Teatro Colombo	112
LXXIII	Santa Casa de Misericórdia de São Paulo	114
LXXIV	Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas	115
LXXV	Antônio Carlos Gomes	116
LXXVI	Guglielmo Marconi	117
	Capítulo Final	118

INTRODUÇÃO

Após a boa aceitação, segundo os meus “bondosos leitores”, do meu primeiro livro, intitulado *Reminiscências*, resolvi escrever, novamente, porém sobre um assunto bem diverso, narrando episódios desde a minha infância, curiosidades sobre São Paulo antigo, acontecimentos que ficaram gravados em minha memória, principalmente, os de minha predileção, da vida artística da cidade, do lazer, das cenas pitorescas; enfim, fatos que marcaram uma época e que fizeram da nossa metrópole, um clima bem diferente da vida que hoje levamos, num corre-corre sem fim e, que nos deixa bem saudosos da boa fase em que nascemos, até o fim da década de cinquenta.

Realmente, foram épocas deliciosas que deixaram muita saudade e que deixaram a cidade bem mais humana, gostosa de se viver em todos os sentidos, principalmente, no lazer, na vida artística, no esporte etc.

Dirão vocês que sou um “grande” saudosista, um pouco o sou, na verdade e quem não o é?

Vamos, pois, aos fatos, se é que estão curiosos para sabê-los, esperando que seja de seu agrado.

Os meus agradecimentos à minha neta Vera Marisa, pela sua valiosa colaboração no escrever este livro.

CAPÍTULO I - RECORDAÇÕES

Nasci no ano de 1911, na Rua Fernandes da Silva nº 48, no bairro do Brás, nesta capital do Estado de São Paulo. Os maiores acontecimentos daquele ano foram a inauguração do Teatro Municipal e a fundação do Colégio Dante Alighieri e, logicamente, o meu nascimento, para a alegria dos meus pais e, por que não dizer, da minha também.

Naquela época, a maioria da população do Brás era italiana, que juntamente com o Bixiga, Bom Retiro, Moóca e Lapa, formavam os maiores núcleos de imigrantes que vieram da bela península do Mediterrâneo.

Ainda hoje, decorridos tantos anos, realizam-se festas dos santos padroeiros de várias cidades do sul da Itália: San Vito Mártire, San Cosmo e San Damiano (de Polignano a Mare); Madonna di Casaluce, todas no Brás. San Gennaro, na Moóca e Madonna di Achirópita, no Bixiga. Não me consta que na Lapa e no Bom Retiro existam outras festas ainda, se é que existiram.

Mas, voltemos ao Brás. Na Rua Fernandes da Silva estava localizada a fábrica de tecidos Mariangela das Indústrias Matarazzo, que dava trabalho à centenas de operários, na maioria mulheres.

Pela manhã, às 6:30 h. tocava um apito três vezes, às 6:45 duas e, às 7:00 h. a última, para a entrada do pessoal na fábrica. Todos no bairro acordavam. Depois de um barulho ensurdecedor daquele, quem mais conseguia dormir? A vida daquela rua girava em torno daquela fábrica, que ocupava, aproximadamente, uma área de um quarteirão de 200 x 200 metros.

Minha família lá trabalhou anos e anos. Além da citada fábrica, havia também nas proximidades, o Moinho de Trigo Matarazzo, a Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo e um sem número de indústrias e oficinas de ramos diversos.

As famílias de Francesco Pugliese (meu avô paterno) e de Giovanni Minelli (meu avô materno) moravam vizinhas. Desta forma, meus pais Gregório e Annunziata se conheceram e se casaram. Na época do meu nascimento meus pais ainda moravam com meus avós maternos.

Naquele tempo a iluminação, tanto na rua, como em casa, era a gás. A luz elétrica veio anos mais tarde. São Paulo era ainda uma cidade provinciana. Automóveis, pouquíssimos. O transporte, na sua maioria, de tração animal, com excessão dos bondes elétricos que haviam substituído os bondes “puxados a burros”. Meu pai contava que na Rua Visconde de Parnaíba, quando ele era ainda garoto, costumava reunir-se uma turma de meninos e, tão logo aparecia o tal bonde, eles passavam na frente dos animais, abanando chapéus e outros objetos, a fim de assustá-los, pondo-os em louca disparada para desespero dos passageiros que, aterrorizados, se atiravam do bonde em movimento.

Além do trabalho, nas horas de lazer, as poucas que existiam naquele tempo, os homens à noite iam às cantinas tomar um bom vinho e jogar “tressete”, um jogo de cartas italiano. O jogo era “a leite de pato”, como se costumava dizer. Não era a dinheiro, mas puro divertimento. Uma noite, assim não entendeu a polícia, levando todo mundo para a cadeia, inclusive meu avô materno.

Meu pai foi tirá-lo da prisão e ele, todo envergonhado, voltou para casa, pensando ter cometido uma falta grave, o que na realidade não aconteceu. Naquele tempo havia gente séria e honrada. Minha avó, minha mãe e tias o receberam com muita alegria e carinho. Era gente humilde, de muitos bons sentimentos e sempre tive grande orgulho deles.

A honestidade e a honra eram tão levadas a sério, que na Revolução de 1924, os depósitos do mercado foram saqueados e dois rapazes muito conhecidos na época, pilharam um bacalhau e um saco de farinha de trigo. Tiveram de voltar devolvendo tudo, depois de levarem uma boa surra.

Durante a Primeira Grande Guerra Mundial, meu pai resolveu se mudar com a família para o Rio Grande do Sul. No dia da nossa partida, prontos para sair, já com as malas feitas, eu, percebendo a tristeza de minha avó, disse a ela em dialeto veneto: “Tu su nonna demo via tutti”, ou seja, “vamos nonna, pegue suas coisas e vamos embora todos”. Não será preciso dizer que, com as minhas palavras, a tristeza do momento foi em parte atenuada.)

Numa outra ocasião, entrou um ladrão na casa de meus avós maternos. A polícia, como já estava no encalço dele, invadiu a casa, interrogando com insistência a minha avó; ela negou que o ladrão tivesse entrado em sua residência até convencer os homens da lei que se foram.

Qual não foi o meu espanto ao vê-la, depois, chamar o ladrão num esconderijo arranjado por ela dentro da casa e deixá-lo ir embora. Apesar da pouca idade que tinha, achei que ela tinha protegido um malfeitor. Ao ser interpelada por mim, respondeu-me em dialeto veneto: “Tasi fiolo. ti non sé quel che disi”, ou seja, “cala-te, menino, tu não sabes o que dizes”. Calei de verdade e pude avaliar o coração generoso daquela boa gente e mais uma vez repito: sempre tive um grande orgulho deles.

O tempo foi passando, a família aumentando e, assim, tornei-me um moço. Em 1929 ingressei no Tiro de Guerra e, naquele mesmo ano, jurei bandeira perante as autoridades civis e militares. Foi na Avenida Paulista, no dia sete de setembro.

A cidade cresceu, além da luz elétrica, os automóveis invadiram São Paulo, aumentou o número de teatros, apareceu o cinema falado, fundaram-se as sociedades recreativas, culturais e esportivas.

Aumentou também o número de estabelecimentos, tanto na indústria, quanto no comércio. Construiu-se o primeiro arranha-céu, o Edifício Martinelli. Os outros foram aparecendo em seguida, não tão alto, mas estavam mudando a fisionomia da cidade, que já estava se tornando uma grande metrópole.

CAPÍTULO II - MÚSICA

Comecei a estudar violino aos dez anos de idade. O meu primeiro professor foi um senhor de certa idade. No ano seguinte, continuei o estudo com outra professora no bairro da Água Branca, onde morávamos, aluna do Professor Torquato Amore, um dos melhores que São Paulo já teve.

Após a Revolução de 1924, mudamos da Vila Pompéia para o Brás e, por conseguinte, também de professor de música, que lecionava numa escola da Società Italiana di Mutuo Soccorso Leale Oberdan.

Com os alunos dessa escola e elementos de fora, formou-se uma orquestra, na qual ingressei no ano de 1925. Lembro da primeira música que tocamos: a Abertura da Ópera “Oberon” de Weber. A princípio, a adaptação foi um tanto difícil, mas depois, com o tempo, acabei me integrando na orquestra, definitivamente. Os ensaios eram semanais, todas às segundas-feiras.

As peças musicais eram lindas e empolgavam a todos. Executávamos obras de Verdi, Rossini, Carlos Gomes, Ponchielli, Wagner, Bizet, Puccini, Mascagni, Donizetti, Bellini, Mozart, Schubert, Beethoven e de muitos outros compositores também famosos. Havia também audições de piano, violino, flauta e violoncelo. Uma noite, conseguiram formar um quinteto com os maestros e professores, assim composto: Violinos: Alfonso Baraldi e Nino Boschini; Viola: Ernesto Ferroni; Violoncelo: Guido Rocchi; Contrabaixo: Memore Peracchi. Desnecessário dizer que foi um grande sucesso, entusiasmando não só os alunos, como também o público presente.

Havia também números de canto e teatro, cujos espetáculos, sempre finalizavam com bailes, estritamente familiares, até às 4:00 horas da madrugada. Foi aí que aprendi tocar também música popular e, quase todos os sábados, tínhamos onde tocar. Casamentos, batizados, aniversários e outras reuniões.

Estávamos nos tornando um tanto boêmios, mas “no bom sentido”. Lembro-me de vários episódios pitorescos, como certa vez, ao pedir uma moça para dançar, ela se recusou dizendo que não dançava

com músicos. A nossa revolta foi tamanha que guardamos os instrumentos e nos retiramos, apesar das desculpas do dono da festa. Outra ocasião, numa fina residência na Rua Paraíso, não resistimos à tentação das iguarias oferecidas, enchemos as caixas dos instrumentos de empadas, coxinhas, pastéis e doces, engordurando e lambuzando tudo. No dia seguinte, minha mãe, ao deparar com tudo aquilo, observou-me se era aquela a educação que me tinha dado.

Depois passamos a tocar e dançar nas várias sociedades recreativas da época: Almeida Garret, Federação Espanhola, Boheme, Cervantes, Tosca, Hispano-Americano, Vittorio Emmanuele, Lega Lombarda e muitas outras. Havia um diretor de uma delas que, todo domingo à tarde, aparecia com uma dama diferente para dançar, bem mais jovem do que ele. Um belo dia, ele apareceu com uma dama mais ou menos da sua idade e bem gordinha. Os amigos estupefatos, vendo a nova companheira, desconhecida até então, perguntaram: “fulano, onde você foi buscar este ‘biscatão?’”. Sorrateiramente, ele respondeu: “Seus filhos da P..., vocês não estão percebendo que esta aí é a minha mulher?”. A risada foi geral e a esposa queria saber o porquê, mas de que jeito.

Mas, continuando com os episódios pitorescos, aconteceu um outro, quando fomos tocar num casamento na cidade de Santos, num sábado a noite. A festa ia muito bem animada, bebida à vontade. O resultado foi uma tremenda bebedeira. Lá pela madrugada, fomos pernoitar numa pensão localizada num velho casarão. Mas quem conseguia dormir? A algazarra era tanta, que o dono da pensão ameaçou chamar a polícia, para nos pôr no olho-da-rua. Aí sossegamos e dormimos até quase o meio dia. Em seguida, fomos tomar um banho de mar para curar a ressaca.

À tarde, após um lauto almoço, sem bebidas alcoólicas, regressamos pelo trem da antiga SPR, tocando no vagão durante toda viagem. Fomos terminar o domingo à noite tocando numa sociedade dançante, como fazíamos sempre nos finais de semana.

Num outro casamento, fui agredido por um convidado um tanto alcoolizado. Um meu tio veio em minha defesa e foi jogado pela janela afora. Sorte dele ser a janela a um metro do solo e as consequências não serem graves.

Numa outra madrugada, ao sair de um casamento, quase fomos presos por fazer uma serenata na janela de uma namorada minha que, por puro azar, não estava em casa naquela noite. Desnecessário dizer que a

valsa mais tocada em todas as serenatas era Rapaziada do Brás, composição do Maestro Alberto Marino, a quem rendo aqui minha homenagem.

Hoje, recordando aqueles acontecimentos, fico pensando como é bela a juventude. Pena que dura pouco e que a velhice é longa e quase sempre dolorosa. Muitos amigos daquela época já se foram para o outro lado do mistério, inclusive alguns primos bastante queridos que compartilharam das nossas aventuras.

“Gioventù, gioventù, se ne va e non torna più”, trecho da Opereta “Addio Giovinezza”, é uma frase bem adequada à mocidade.

CAPÍTULO III - MÚSICA E CARNAVAL

Mas voltando à nossa escola, tudo ia muito bem, até que um dia ela parou suas atividades por questões divergentes. Pudera, o sangue italiano fervia em nossas veias, o que provocava desentendimentos, discussões e coisas parecidas.

Fomos então estudar na cidade, no Istituto Musicale Benedetto Marcello com os mesmos professores, até a Revolução de 1930. Lá também havia uma orquestra, um belo salão e palco. Havia também um quadro enorme, que representava Dante no Inferno e impressionava bastante pelo colorido vermelho.

Num domingo, em plena manhã, durante um ensaio, estávamos tocando uma sinfonia de Haydn, sob a direção do maestro Memore Peracchi. O violoncelista, ao ser interpelado pelo maestro no fim do ensaio, que deveria caprichar mais na sua parte, respondeu: “Maestro, esse camarada escrevia músicas muito difíceis.” O regente, enfurecido, retrucou: “Ma guarda che animale, chiama Haydn di camarada!” Ficamos todos perplexos com o incidente, mas com vontade de rir. Mas quem se atrevia. Até que o maestro, tudo percebendo, acalmou-se e continuou, dirigindo-se, novamente ao violoncelista, dizendo: “Guarda cosa hai detto, non vedi che Pugliese se la ride sotto il baffi?” Era a mim que ele se referia. Aí ninguém mais se conteve. O riso foi geral.

Assim, continuamos neste Istituto até aparecer nova divergência. Ai parei de lá estudar, continuando os estudos com o professor Enzo Soli, magnífico profissional e membro da Orquestra Sinfônica Municipal.

Mas, a falta da orquestra era tanta, que resolvemos reunir os elementos remanescentes das anteriores e começamos a ensaiar num enorme salão, cedido gentilmente pelos frades da Igreja Santo Antônio do Pari.

Tocávamos “pout-pourri” de operetas, marchas de Souza, aberturas e fantasias de óperas, sinfonias, concertos e outras peças musicais que deleitavam não só os executantes, como as pessoas que assistiam aos ensaios.

Demos a primeira audição num sábado à noite, com o salão completamente lotado, cobrando um ingresso de 2\$000 (dois mil réis) por pessoa.

O sucesso foi tanto que, dias depois, fundávamos uma sociedade denominada Centro de Cultura Artística do Brás. Isto aconteceu em setembro de 1930. Em outubro veio a Revolução e paralisamos as nossas atividades, que foram reiniciadas no final daquele ano, com maior ardor.

Impressionante, todos tínhamos a música no sangue. Embora amadores, não desanimávamos nunca, apesar dos ensaios serem sempre à noite, pois tínhamos que trabalhar durante o dia.

Existem instrumentos de difícil locomoção pelo seu tamanho. Exemplo: contrabaixo, bumbo, tímpanos e outros. Nós mesmos fazíamos o transporte até grandes distâncias, pois tínhamos energia de sobra e estávamos na faixa dos vinte anos.

Uma noite, transportamos o contrabaixo do Largo São José do Belém até o centro da cidade, para dar umas “voltinhas”, retornando, em seguida, até o Brás na minha casa. Meu pai estava à minha espera e queria saber onde tínhamos estado com aquele instrumento.

Em outra ocasião, fomos a um bar dançante, “Dancing”, pois assim era chamado um baile público. Estávamos em pleno carnaval. Dançamos e bebemos até a madrugada, até gastar o último tostão. Voltamos a pé para casa, pois o “Dancing” era no Largo Guanabara, onde hoje está situada a Estação Paraíso do Metrô. Imaginem a distância até o Brás.

O carnaval de rua era famoso naquele tempo. Na Avenida Rangel Pestana, principalmente, o curso tinha duas filas de automóveis em cada mão e que, com as capotas abaixadas, iam do Parque Dom Pedro até a Rua São Jorge, no Tatuapé, onde faziam o retorno.

Jogavam-se tantas serpentinas que, quase ao amanhecer, vinham os carroções da limpeza pública com seus funcionários para retirá-las do leito dos trilhos, para que os bondes pudessem circular de novo. Ficávamos, então, sentados na guia da calçada, observando toda aquela operação.

Eu tinha uma namorada que morava na Penha e na terça-feira de carnaval fui visitá-la, sem saber como voltaria, pois os bondes só circulavam até determinada hora. A minha sorte foi que, na volta, encontrei um auto-caminhão com o motorista que vinha do Rio de Janeiro, completamente desorientado. Subi no veículo e indiquei-lhe o caminho quase paralelo às Avenidas Celso Garcia e Rangel Pestana, interditadas naquela hora. Chegamos até a Rua Visconde de Parnaíba, onde desci, após indicar-lhe o caminho que tinha a fazer para chegar ao destino.

Muitos anos mais tarde, fui com meu cunhado assistir o carnaval no Parque Dom Pedro. Sentamos à uma mesa e pedimos cerveja. A nossa frente tinha o tablado onde os foliões dançavam. Havia um par que chamou nossa atenção pela forma escandalosa como dançavam. A dama, ao perceber a nossa curiosidade, gritou: “Estão com dó, venham vocês!”. A risada foi geral e tivemos que sair de lá “de fininho”.

Mas o carnaval mais famoso nos salões daquela época foi, antes no Teatro Colombo animado pela Banda da Força Pública e, depois, no Odeon, onde a barra era considerada pesada naquele tempo. Mas, fazendo uma comparação com o que aparece hoje na televisão, aqueles bailes eram bem comportados.

IV - DIVERTIMENTOS

Mas, voltemos à nossa sociedade. As suas atividades duraram de 1930 a 1936. Foram anos de muitas alegrias, divertimentos, trabalho e, muitas divergências, tanto assim que acabou.

Mas valeu a pena. Foram também tantas as manifestações artísticas, assim as chamávamos, bailes, pique-niques, estes na Cantareira, Vila Galvão e Caieiras, onde íamos todos num trem especial, sempre aos domingos, naturalmente e, com o seguinte programa: pela manhã, jogos, balanços, gangorras, corridas e onde nunca faltava a famigerada partida de futebol entre casados e solteiros, estes quase sempre ganhavam. Mas, o que mais divertia eram as discussões; “juiz ladrão” etc e etc. Ao meio-dia, almoço regado a vinho, cerveja e refrigerantes. À tarde, os “velhos”, na maioria, tiravam uma soneca abrigados debaixo das frondosas árvores e as “velhas”, tomavam conta das filhas, que dançavam com os rapazes.

Havia um mestre-sala que impunha respeito. Era um velho italiano, com quase dois metros de altura, que advertia os pares que dançavam coladinhos.

Na volta, então, era uma tamanha algazarra até o fim da viagem. Cantorias, gritos, principalmente no trenzinho da E.F. da Cantareira, cujos vagões chegavam até balançar, com a mentira e tudo.

Eis os componentes das orquestras citadas no capítulo anterior:

Maestros:	Alfonso Baraldi Memore Peracchi Camillo Berti Salvatore Callia Enzo Soli
Violinos:	Nino Boschini Orlando Cagnoni Vicente Cerchi Edmur Meneghesso Tobias Troisi Antonio Sassano Clemente Capella

Mencio Accorroni
João Vargas
Emílio Rinaldini
Mischiatti
Salvador Pugliese
José Bellezzo
Pedro Bodra
Wanda Baraldi
Falconi
Francisco Pugliese

Pianos: Enzo Riccio

Romeu Riga
Leo Peracchi
Wilma Baraldi
Waldemar Granzotto

Cellos: Frederico Capella

Miguel Cagnoni
Um sargento da Banda da Força Pública
Eldo Peracchi
Mário Pugliese

Baixo: Paschoal Capella

Flautas: Francisco Sassano
Nullo Zucchi
Oronzo Scattone
Cloretti

Clarinetas: Lazzarini
Carbone

Oboé: Niccolini

Trompetes: Irmãos Paoletti

Trombone: Gennarino
Gennaro Pepe

Tímpanos: Giovedi

Bateria: Garcez e diversos outros

Gran cassa (bumbo) e pratos:
Pio Antonioni

CAPÍTULO V - FUTEBOL

Outra coisa que começou a apaixonar a cidade, foi o futebol. No fim do século passado e princípio deste, fundaram-se muitos clubes nas principais cidades do país. Aqui em São Paulo, dos grandes clubes, o Paulistano foi o primeiro, depois apareceram o Corinthians, o Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras, Santos e Portuguesa. O Paulistano encerrou suas atividades futebolísticas e o São Paulo F.C. tomou seu lugar.

O primeiro jogo entre o Palestra e Corinthians foi realizado no início do Campeonato de 1917, com a vitória do primeiro pelo placar de 3 a 0. Os gols foram marcados pelo ponta-direita Caetano.

A cidade pegou fogo. O Palestra, então, era quase um ilustre desconhecido e ganhar do Corinthians, que já tinha sido Campeão Paulista, foi um acontecimento extraordinário e, principalmente, por aquele placar que não deixava pairar nenhuma dúvida.

Começou, então, uma rivalidade entre os dois clubes, que perdura até hoje, tanto que, na linguagem futebolística, assim dizendo, os dois times são considerados arqui-inimigos.

Assisti, com meu saudoso pai, a finalíssima entre o Palestra e o Paulistano em 1920. Eu tinha nove anos de idade. O Campeonato tinha terminado com os dois clubes com o mesmo número de pontos ganhos e, naquele domingo, no Campo da Floresta, haveria o desempate. Durante a partida, quando faltava uns quinze minutos para o final, o Palestra já vencia por 2 a 1, resultado aquele que permaneceu até o final.

Era o primeiro título e a alegria e o entusiasmo foram indescritíveis, principalmente, pela colônia italiana e seus descendentes. Muito teria que escrever ainda sobre futebol, seriam necessárias páginas e mais páginas. Mas um acontecimento, que mais me ficou na lembrança, sucedeu em 1942.

Estávamos em plena Segunda Guerra Mundial e o Brasil, infelizmente, em guerra com a Itália. Situação bem constrangedora para os italianos aqui residentes. O Palestra Itália de então teve que mudar o nome para Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo, devido a uma grande

campanha de difamação, sem fundamento, movida contra ela. Mas nem mesmo assim sossegaram. Às vésperas do jogo decisivo contra o São Paulo Futebol Clube, mudou novamente o nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, cuja denominação, permanece até hoje, felizmente. A partida ia ser realizada, por coincidência, no dia vinte de setembro, data da Unificação da Itália, o que aconteceu no ano de 1870.

As baterias funcionaram, incessantemente, por certo locutor esportivo amparado pelo proprietário da emissora em que trabalhava. O nosso adversário tinha preparado uma grande vaia para quando a Sociedade Esportiva Palmeiras entrasse em campo. A divina providência funcionou. O vice-presidente do novo Palmeiras era o Capitão Adalberto Mendes, valoroso oficial do Exército Brasileiro, que entrou em campo fardado, a frente da Bandeira Nacional, segura pelas mãos dos não menos valorosos jogadores esmeraldinos e, as vaias, foram para o espaço.

Começou o jogo e o resultado, de acordo com a justiça divina, não poderia ser outro, pois quando o escore estava 3 a 1 a favor do Palmeiras, o zagueiro adversário, Virgílio, deu uma violenta entrada na área no jogador Villadonica. O juiz incontinentemente marcou falta máxima, expulsando o faltoso.

A partida, que até aquela hora era tensa, explodiu de uma vez. Os jogadores do São Paulo não se conformavam com a decisão do árbitro e, obedecendo as ordens vindas da sua diretoria, retiraram-se do campo. O juiz então deu a vitória à Sociedade Esportiva Palmeiras, de acordo com as regras esportivas, pela desistência do adversário em prosseguir a luta.

Foi um delírio geral do vitorioso e uma tremenda decepção do vencido. Um nosso jogador, o Begliomini, ao ser entrevistado por uma emissora, no auge do entusiasmo, gritou a plenos pulmões: "O Palestra morreu invicto e, o Palmeiras, nasceu campeão!". Eis assim o resumo de uma das mais belas páginas esportivas da nossa querida Sociedade.

O saudoso Capitão Adalberto Mendes, muitos anos mais tarde, já promovido a general, recordando aqueles fatos comigo, acrescentou: "Enfrentei muitos contratempos com aquela minha atitude. Pois aquela era uma trinca do diabo...", referindo-se aos autores da malfadada campanha. Não será preciso citar nomes. Para os que viveram aquela época, eles eram bastante conhecidos.

Felizmente, uma parte da imprensa escrita e falada, não compactuou com aquela campanha difamatória, principalmente, o veterano cronista esportivo Ary Silva, que criticou, totalmente, aquela infâmia.

Existe, na sala de troféus da Sociedade Esportiva Palmeiras, um quadro pintado a óleo, em tamanho natural, mostrando a confiante e valorosa esquadra alvi-verde entrando em campo como descrevi anteriormente, onde se lê abaixo:

“ARRANCADA HERÓICA – 20-9-42”

Foi uma arrancada heróica de verdade. Muitos daqueles jogadores já deixaram esse mundo, mas os seus nomes serão lembrados para sempre. Eis aqui a composição daquele memorável esquadrão: Oberdan, Junqueira e Begliomini; Zezé Procópio, Og Moreira e Del Nero; Claudio, Waldemar Fiume, Villadonica, Lima e Etchevarrieta.

Finalizando o assunto futebol, meu pai teve um grande amigo que foi diretor do então Palestra Itália. Durante um jogo com o Paulistano, o 1º tempo terminou a favor deste, pelo escore de 3 a 1.

Os jogadores do Palestra, ao serem interpelados por aquele diretor, responderam: “La cosa va male, ma ci vorrebbe un fiasco di vino”. Satisfeita a vontade dos jogadores, no 2º tempo, acabaram com o jogo, como se diz na gíria futebolística, empatando a partida.

Em tempo: o primeiro jogo de futebol que assisti na minha infância foi Palestra e Germânia, no Parque Antártica. Fui com meu pai na arquibancada e, o que me chamou a atenção, foi a seleta assistência e os garçons uniformizados que, de luvas brancas, serviam os “torcedores” em bandejas com sanduíches, doces, cerveja, chopp e refrigerantes da época. As senhoras usavam chapéus e lindos vestidos e, os homens, terno e gravata.

CAPÍTULO VI - CURIOSIDADES

Havia, na cidade, um sem número de casas lotéricas, entre as quais, as mais famosas eram: “Fasanello e nada mais”, “A Preferida”, “Antunes de Abreu, os campeões absolutos da sorte”, “Vale quem tem do Brás”. Cada vez que uma delas vendia um bilhete premiado, anúncios espalhafatosos saíam nos jornais em letras garrafais.

As confeitarias e chopperias mais famosas eram “O Fasoli”, “Guarany”, “Bar Viaduto”, “Bar München”, “Vienense”, “Fasano”, “Franciscano” e outras. Todas tinham orquestra ao vivo para o deleite dos frequentadores.

O Jôquei Clube era na Moóca e, para comodidade no transporte de seus frequentadores, havia uma estrada de ferro que ia da Estação da Luz até o hipódromo, cujo ponto final, era no fim da Rua dos Trilhos, que ainda hoje conserva esse nome.

Havia no centro da cidade um vendedor de vassouras, escovas e espanadores que percorria as ruas do triângulo, como assim eram chamadas as Ruas XV de Novembro, Direita e São Bento. Pronunciava erradamente palavras francesas, todas terminadas com acento agudo nos “es” finais, intercalando verbos, pronomes, adjetivos e substantivos comuns, vocabulário criado por ele mesmo, cujas frases não faziam o menor sentido.

Todavia, a sua figura provocava curiosidade e uma certa comicidade nas pessoas que com ele cruzavam pelas ruas do centro da cidade.

Tinha também um tipo excêntrico apelidado “Brodo”, que cantava e gritava em alto e bom som pelas ruas do centro da cidade. Despertava, também, muita curiosidade aos passantes, assustando as crianças com toda certeza.

Existia uma casa que alugava trajes a rigor, do tipo das que existem hoje. O seu proprietário chamava-se Mascigrande. Hoje isso é muito comum pelo alto valor de um terno, mas naquele tempo, alugar trajes não era de costume. E havia uma tremenda gozação para quem usava este expediente.

Existia também uma casa de artigos ortopédicos do Prof. Ítalo Spadavecchia. Quando algum jogador era ruim de bola, ou atleta de outro esporte qualquer, “mandavam-no” ao Prof. Spadavecchia, a fim de arranjar umas muletas, pernas e braços mecânicos para suprir as suas deficiências.

Finalizando este capítulo, a Casa Theatral Temaghi, tradicional no ramo, que existe até hoje, estava, naquela época, instalada num velho casarão na esquina da Avenida Senador Queirós com a Rua da Conceição, hoje Cásper Líbero. Alugava trajes e vestimentas para teatros. Fui lá por vários anos, alugar trajes para as representações teatrais da nossa sociedade, mencionada anteriormente.

CAPÍTULO VII - CINEMAS

Existiam no centro da cidade vários cinemas, entre eles o “Triângulo”, “Paramount”, “São Bento”, “Alhambra”, “Rosário”, “Avenida” e “Santa Helena”, estes eram os mais antigos. Apareceram depois o “Marrocos”, “Art Palácio”, “Términus”, “Ópera”, “Metro”, “Ipiranga” e “Lido”. Os filmes, eram neles apresentados em primeira exibição e, depois, nos bairros. No Brás, havia o “Mafalda”, “Olympia”, “Glória”, “Colombo”, “Brás Polyteama”, “Babilônia”, “Universo”, “Roxy” e “Oberdan”. Os mais antigos, porém, eram o “Ísis” e o “Ideal”.

Durante a semana exibiam filmes à noite em duas sessões. Aos domingos à tarde “matinée”, como era chamada. A exibição à tarde era de gala, principalmente, pelo encontro dos namorados. Os moços, todos de terno e gravata e, as moças, vestindo o que de melhor tinham. Ninguém entrava em mangas de camisa ou vestido de qualquer jeito. Às quartas-feiras, geralmente, as sessões eram denominadas “soirée” das moças, onde elas entravam gratuitamente e os moços pagavam apenas 1\$000 de ingresso, desde que estivessem acompanhadas dos namorados, naturalmente.

Os guardas policiais, em uniforme de gala e a platéia bem vestida, davam um cunho todo especial ao espetáculo. O comportamento do público era irrepreensível.

Após o espetáculo, aos domingos, todos regressavam às suas casas para depois, à noite, passearem na Avenida Rangel Pestana, ou melhor dizendo, fazer o “footing”, como era chamado, que durava no máximo até as dez horas da noite.

CAPÍTULO VIII - BANCOS

A cidade possuía mais ou menos uns quinze a vinte bancos. A primeira vez que entrei num deles foi em 1928, no London Bank, como era denominado naquela época, hoje, Banco de Londres. Entre os demais havia, Banco do Brasil, Banco do Estado de São Paulo, Banca Francesa e Italiana per l'America del Sud (posteriormente Sudameris), Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, Banco da Província do Rio Grande do Sul, Banco Noroeste de São Paulo, Banco Alemão Transatlântico, Banco de São Paulo, Banco Comercial do Estado de São Paulo, Citybank e outros. Muitos deles, não mais existem. Todos eram no centro da cidade e, nenhum deles, tinha agências espalhadas pelos bairros, como acontece hoje.

Os cheques eram apresentados no balcão em troca de uma ficha de metal numerada. Conferiam então a validade dos cheques, verificando as assinaturas dos emitentes e o endosso do favorecido. Após este procedimento, os cheques eram pagos no caixa, mediante a apresentação da ficha. Era um sistema correto e eficiente. Os cheques sem fundos, ou mesmo roubados, não eram pagos, como hoje às vezes acontece.

CAPÍTULO IX - NONNA

Não conheci Chiara, a minha “nonna” siciliana, mãe de meu pai. Quando ela morreu eu tinha apenas um ano e meio. Mas de tanto ouvir falar bem dela, principalmente pela minha mãe, e com sua fotografia em minhas mãos, tenho a impressão de tê-la conhecido a vida inteira. Nasceu no pequeno vilarejo de Aci Reale, província de Catânia, Sicília, bem no sopé do Vulcão Etna. Já mocinha, sua família mudou-se para a cidade de Crotone, na Calábria. Cantando no coral da igreja, meu “nonno”, ao vê-la, apaixonou-se, jogando fora a batina, pois já era quase padre, só faltando a ordenação. O casamento realizou-se logo em seguida. Meu pai foi o quinto filho do casal. Quando a nonna morreu, ele sofreu por demais a sua perda. Por anos e anos lamentou a sua morte que se deu aos cinquenta e três anos de idade. Como lamentei não tê-la conhecido, na realidade, deve ter sido uma criatura maravilhosa!

O nonno Francesco Pugliese foi casado com ela e, desta união, nasceram nove filhos. Pela ordem de nascimento: Mariuccia (mais conhecida como Iuzza ou Maria), Salvatore, Giuseppe, Giovannina, Gregorio (meu pai), Luigi, Carmella (que faleceu ainda de colo), Carmelita e Concetta. Todos nasceram na Itália, menos as duas últimas, que eram brasileiras.

A família chegou da Itália no dia 27 de setembro de 1894, a bordo do vapor “São Paulo”, desembarcando no porto de Santos, SP. De lá vieram para a capital paulistana, onde viveram suas vidas.

Todos os homens seguiram a profissão do pai, encanador e funileiro, trabalhando unidos até a morte do nonno em 1923, ocasião em que fundaram a própria firma.

Com o decorrer do tempo se separaram, cada um seguindo seu rumo, com exceção de Gregório e Luigi que abriram uma oficina, onde trabalharam até a aposentadoria.

CAPÍTULO X - SACCO E VANZETTI

Quase no final da década de 20, dois anarquistas italianos foram condenados à morte na cadeira elétrica nos Estados Unidos, por um crime que não cometeram. A sociedade americana, devido ao progresso das leis sociais, pressionaram um juiz de direito para dar a pena capital.

O mundo inteiro protestou, tanto que greves contra essa condenação foram deflagradas em todas as partes do Mundo.

A única greve em que participei foi contra aquela sentença. Porém de nada adiantou. A execução, várias vezes protelada, foi consumada de vez.

Anos mais tarde , foi comprovada a inocência de Sacco e Vanzetti. A história desta injustiça imperdoável foi narrada em um filme, produzido há uns 15 anos ou mais.

CAPÍTULO XI - FRANCESCO DE PINEDO

Antes da era da aviação comercial existiram uns heróis, se assim é que podemos chamá-los. A ligação aérea entre a Europa e as Américas foi efetuada pela primeira vez por Gago Coutinho e Sacadura Cabral em 1922. De lá em diante, outros tentaram a mesma travessia. Um deles foi Francesco de Pinedo que da Itália voou até o Brasil. Quando chegou ao Rio de Janeiro, voou para São Paulo, pousando na Represa Guarapiranga, em Santo Amaro. Fui com meu pai assistir o acontecimento. De lá voou até os Estados Unidos, nos céus do Brasil Central, pousando no Lago Michigan. Francesco de Pinedo foi o primeiro a efetuar esta travessia.

Ele voltou para a Itália num outro hidroavião, pois o primeiro incendiou-se no Lago Michigan. A sua aventura foi considerada um fato inédito: a travessia do Atlântico Norte e Sul e da Selva Amazônica. Para comemorar esta façanha, foi erigido um monumento nas margens da represa, dando-se o nome de Pinedo, numa avenida lá localizada. Atualmente, o monumento está localizado em frente à Igreja Nossa Senhora do Brasil, no cruzamento da Avenida Brasil com a Rua Colômbia.

De Pinedo morreu nos Estados Unidos, numa tentativa de vôo de longa distância sem escalas. Eu mesmo assisti no cinema um documentário sobre o trágico acontecimento.

CAPÍTULO XII - 1º DE MAIO DE 1938

O primeiro salário mínimo do país foi decretado no dia 1º de maio de 1938.

Para comemorar o fato foi realizado um churrasco na firma que era de meu pai e meu tio, oferecido aos seus empregados. Além do churrasco, abriu-se uma “quartola” de vinho, genuinamente italiano, que parecia mais um licor. Ainda hoje, decorridos 50 anos, tenho uma grata recordação do acontecimento e da lembrança daquela deliciosa bebida que, infelizmente, aqui não mais existe.

CAPÍTULO XIII - ENCERADOR

Naquele tempo os assoalhos das casas eram lavados com água e sabão, com a ajuda da escova. Depois apareceram umas ceras para assoalho e, entre as primeiras, a da marca “Parquetina”. Era um trabalho pesado para mulheres, tanto que era feito por um moço aparentando uns trinta anos, um tanto efeminado. Mas, ao contrário de hoje, era discreto e as moças se divertiam com ele a valer.

CAPÍTULO XIV - SAUDADE, CUORE E PROMESSI SPOSI

SAUDADE

Três livros de leitura marcaram minha infância. “Saudade”, de Thales de Andrade, que li no terceiro do Grupo Escolar. Narrava a vida de uma família que se transferiu do interior do Estado de São Paulo para a cidade grande e, não podendo se adaptar ao seu modo de vida, voltou novamente para o campo. O livro conta cenas pitorescas, próprias da vida campestre da gente simples e boa e de suas particularidades.

Entre o assunto que trata o referido livro e suas poesias, anotei esta, que achei por demais interessante e que passo a transcrever:

“Era e ... não era!”

“Imagem vanceis:
Eu andava viajan’o
Andava corren’o o mundo;
Mas um dia...
Ansim de surpresa,
Arrecebi uma triste nova;
Meu pae ia p’rá cova,
E eu ia nascê.
Aquilo era esturdío,
Mas que fazê!?
Sahi na disparada,
Mas vortei
Vortei p’rá trais!
Puis perdi uma capa!
Uma capa que eu não levava.
Mais valeu...
Topei c’uma arve de figo
Carregadinha de pesco maduro;
Trepei por ella em riba,
E toca apanhá as maçã!
Mais veio o dono do feijoá!
E berrô!,
tinhoso!
Como é que está apanhan’o
Pimentão, mangarito e buxa

No sapesá aieio?
Eu ia arrespondã!
Mas o marvado
Agarrô um moio
De repoio,
E me acentô na testa
Uh! festa!
Me esbandaiô o joeio.”

CUORE

“Cuore” (coração), de Edmondo de Amicis, relatava o transcorrer de um terceiro ano primário numa escola da Itália, historiando os seus personagens de todas as camadas sociais. Os bons e os maus elementos, as boas e as más ações, os acontecimentos de menor e maior importância, enfim, o transcurso de um ano escolar, principalmente no terceiro, onde a gente começa a desenvolver bem o conhecimento e o valor daquilo que estamos aprendendo e, porque não dizer, não só tomando gosto pela coisa, como também começando a se considerar importante.

O entusiasmo chegava a tal ponto que os acontecimentos diários transcritos no livro, naturalmente lidos nas aulas de leitura de cada dia, levava-nos a continuar a leitura em casa, para saber o que iria acontecer nos capítulos seguintes.

Ainda hoje, decorridos mais de setenta anos, tenho curiosidade de reler os principais capítulos, bem como os comoventes contos mensais, verdadeiros exemplos de bravura e coragem.

I PROMESSI SPOSI

“I Promessi Sposi” (Os Noivos), não era propriamente de leitura. O famoso livro da literatura italiana, de autoria de Alessandro Manzoni, cujos principais capítulos serviam para as lições de italiano na escola.

Lembro-me muito bem do início do livro, onde descreve o Lago de Como, a sua origem e a sua forma. Apesar da pouca idade que tinha, esta obra calou profundamente em minha alma, cujo trecho passo também a transcrever em seguida no original, pois, é muito difícil traduzir

Manzoni e, nem sei se existe o livro em português, pois uma tradução foi feita em fascículos e deixou muito a desejar:

“Quel brano del Lago di Como che volge a mezzogiorno, tra due catene non interrotte di monti, tutto a servi e a golfi, a seconda delli sporgere e del rientrare di quelli, vien, quasi a un tratto, a restringersi, e a prender corso e figura di fiume, tra un promontorio a destra, e un’ampia costiera dall’altra parte; e il ponte, che ivi congiunge le due rive, par che renda ancor piú sensibile all’occhio questa trasformazione, e segni il punto in cui il lago cessa, e l’Adda ricomincia per ripigliar poi nome di lago dove le rive, allontanandosi di nuovo, lanscian l’acqua distendersi e rallentarsi in nuovi golfi e in nuovi seni. La costiera, formata dal deposito di tre grossi torrenti, scende appoggiata a due monti contigui, l’uno detto di San Martino, l’altro, con voce lombarda, il Resegone, dai molti suoi cocuzzoli in fila, che in vero lo fanno somigliare a una sega; tal che non è qui, al primo vederlo, purché sia di fronte, come per esempio di su le mura di Milano che guardano a settentrione, non lo discerna tosto, a un tal contrassegno, in questa lunga e vasta giogaia, dagli altri monti di nome piú oscuro e di forma piú commune.

Per un buon pezzo, la costa sale con un pendio lento e continuo; poi si rompe in poggi e in valloncelli, in erte e in ispianate, secondo L’ossatura de’due monti, e il lavoro dell’acque. Il lembo estremo tagliato dalle foci de’torrenti, [e] quasi tutto ghiaia e ciottoloni; il resto, campi e vigne, sparsi di terre, di ville, di casali; in qualche parte boschi, che si prolungano su per la montagna. Lecco, la principale di quelle terre, e che da nome al territorio, giace poco discosto dal ponte, alla riva del lago, anzi viene in parte a trovarsi nel lago stesso, quando questo ingrossa: un gran borgo al giorno d’oggi e che s’incammina a diventar città.”

Esta descrição no início do livro, um “capolavoro” obra prima verdadeira que por mim jamais foi esquecida, foi uma das mais belas coisas acontecidas na minha fase escolar, tanto que ganhei o livro autografado pelo diretor da escola, Prof. Carlo Zeppegno, guardado até hoje com todo carinho.

O assunto do livro são fatos acontecidos na Lombardia, Norte da Itália, no século XVI, durante a ocupação espanhola.

Narra as peripécias que um casal de noivos, Renzo e Lucia, da cidade de Lecco, cujo casamento foi impedido pelo governador da ocupação espanhola daquela região, Don Rodrigo, intimando o vigário Don Abbondio a não realizar as bodas, sob ameaças e, covardemente, ele se acomodou à situação não celebrando as núpcias.

O livro tem umas 500 páginas. O casamento foi realizado anos mais tarde, após a morte de Don Rodrigo, vitimado pela peste que assolou a Europa naquela época.

Imaginem os acontecimentos nele narrados, na extensão do mesmo e os dissabores, passados pelos noivos, até a celebração das núpcias, enfrentando guerras, revoluções e a epidemia da peste.

Mas, felizmente, tudo acaba bem e o casal teve muitos filhos e todos viveram eternamente felizes ...

Alessandro Manzoni nasceu em 7 de março de 1785, portanto, há duzentos anos e morreu em 1873.

Manzoni e Verdi se conheceram já com certa idade. Apesar de tarde, a amizade e admiração que um tinha pelo outro foi imensa.

Por ocasião da morte de Manzoni, Verdi ficou muito chocado, tanto que resolveu lhe dedicar uma missa fúnebre como última homenagem.

Ao manifestar tal desejo ao governador da cidade de Milano, este acolheu com alegria o oferecimento de Verdi e foi, pessoalmente, agradecer-lhe. Reuniu-se imediatamente o Conselho, e com reconhecimento, aceitaram. Não se poderia honrar melhor a memória do grande escritor.

O Conselho, terminada a sessão, enviou em nome da cidade um ofício a Verdi, reiterando-lhe o agradecimento e exprimindo a satisfação que produzira a sua idéia. O maior consolo para Verdi foi render ao seu amigo o preito da sua arte. Respondeu-lhe por esta forma:

“Não me são devidos agradecimentos, nem meus, nem do Conselho, pela oferta da missa fúnebre para o aniversário da morte de Manzoni.

É um impulso, ou antes, uma necessidade do meu coração, levan-

do-me a honrar, tanto quanto possa, esse Grande que muito apreciei como escritor e como homem, modelo de virtude e patriotismo.

Quando o trabalho estiver bastante adiantado, não deixarei de lhes comunicar os elementos que serão dispensáveis para que a execução seja digna da província e do homem, cuja falta todos deploramos.”

A missa foi cantada em 22 de maio de 1874, na Igreja de San Marcos, em Milano, tomando parte junto aos intérpretes, já mencionados (em que figuravam duas senhoras por permissão especial da autoridade eclesiástica), cem professores de orquestra e cento e vinte coristas. A expressão solene e comovente da música verdiana, aliada a um modelar concurso dos artistas, produziram no auditório uma inesquecível impressão. Mais uma vez, subiram murmúrios admirativos reprimidos porque na igreja não se toleravam manifestações.

Se não fora este preceito, os aplausos teriam irrompido frenéticos e espontâneos. Exteriorizaram-se quando, dias depois, a missa de réquiem, sob a forma de concerto, foi cantada no Scala, o seletor público pode manifestar todo o seu deleite.

Discordou, como sempre, a crítica. Especialmente, ao cantar-se no estrangeiro, o contraste identificou-se mais nitidamente. O público, enchendo os teatros de Paris, Viena e Londres, aplaudia calorosamente. Quem tinha razão? Talvez ambos. O público apreciava o primor, fundava-se nas sensações experimentadas; não indagava da formação, nem buscava a genese do pensamento melódico; na obra, via apenas a jóia artística. Os críticos, sufocando o entusiasmo que dominava a alma ao escutar a boa música, decompunham, dissecavam e distinguiam. Sem atribuir razão a qualquer, porque é preciso ter em conta as deferências dos temperamentos, julgamos que o grande escritor inglês Wilde enunciava, com elegância, a verdade quando afirmava: “Vale mais contemplar a beleza de uma rosa, que analisar as raízes das plantas”.

Em Viena, onde a assistência sublinhara tão impetuosos louvores à música da missa, houve um crítico, também notável musicista, Hans von Bulow que a classificou de monstruosidade. Anos depois, Hans von Bulow, conhecendo diversas partituras de Verdi, retratou-se e escreveu a ele externando sentimentos de sincera admiração. Grato, Verdi expressou seu afeto ao musicista tedesco. Não eram completamente injustas as críticas à

Missa de Réquiem. Os eminentes sensores obtemperavam, com razão, que a música se ressentia de falta de religiosidade, baseando-se talvez na música clássica de Palestrina, que fizera escola no genero. Os biógrafos Bragagnolo e Betazzi no "Verdi" (G. Ricordi & Editores) observam:

"De resto, sem entrar no mérito da questão da música religiosa, importa notar que o tipo clássico desse genero, devido a Palestrina, não encontra já cultores entre nós. Mesmo Cherubini e Mozart, para não citar Rossini e Berlioz, dissociaram-se, servindo-se de normas mais complexas e acolhendo todos os progressos da música instrumental.

Por outro lado, é mister demonstrar que os módulos da arte sacra devem permanecer, continuamente, imutáveis e não pode haver expressões diversas conforme as várias concepções do pensamento religioso.

Verdi reuniu, admiravelmente, fantasia e doutrina liberto de imitações, traduzindo no texto da missa todo o conceito, profundamente, humano e dramático que o informa esculpido e descrito, eficazmente. Porque, se na missa de Mozart, domina o patético, na de Cherubini a religiosidade, na de Berlioz, o pavor, na de Verdi campeia a agonia e a comoção. A sua música atinge, diretamente a alma, agitando-a, arrebatando-a, com um sentimento de terror que inspira a sequência do Dies Irae, à dor, à palpação, à fé e à súplica."

(Transcrição do livro "Da Vida de Verdi" de Marcílio Sabba, traduzido no nosso idioma por Antônio Teles de Vasconcelos.)

Venceu Verdi mais essa prova que foi, nesta ocasião, 15 de novembro de 1874, nomeado senador.

Alonguei-me demais no assunto porque, como já disse, as obras desses grandes homens sempre me empolgaram, na infância, adolescência, juventude e maturidade.

CAPÍTULO XV - NOITE DE REIS

Na minha infância não existia Papai Noel , mas a “Befana”, como a chamam os italianos. Os presentes eram postos ao lado dos sapatos, deixados na noite de 5 de janeiro, para serem dados no dia seguinte, 6 de Janeiro, ao acordar das crianças, no Dia de Reis, de acordo com a Igreja Católica.

Na véspera, ou seja, dia cinco à noite, um grupo de moças visitava as casas da vizinhança, cantando canções alusivas à data. Era um belo espetáculo e bem comovente.

Querendo ser sabido demais, ao descobrir, no dia anterior, os presentes numa gaveta da cômoda, dei com a língua nos dentes e foi o último presente que recebi.

CAPÍTULO XVI - MATARAZZO

As Indústrias Reunidas F. Matarazzo eram o orgulho de toda a colônia italiana. A sua história todo mundo conhece e já foi contada em “verso e prosa”. Os funcionários que nela trabalhavam eram italianos ou da mesma origem.

Um fato chamou a minha atenção, quando garoto, na noite em que chegou a notícia da morte de Ermelino Matarazzo, em desastre automobilístico, ocorrido na Itália. Na ocasião, estávamos todos reunidos numa festa, na casa de um compadre de meu pai, quando chegou a infausta notícia. O dono da casa, onde se realizava a festa, mandou suspendê-la, imediatamente e pediu, que todos os presentes, se recolhessem às suas casas e orassem pelo extinto. Apesar da pouca idade que tinha, avalei a dor que se apossou de todos os presentes, principalmente do dono da casa, que era um empregado de confiança, chefe de uma secção das Indústrias Matarazzo na Água Branca.

Isto aconteceu nos fins da década de dez. Quando o corpo chegou da Itália, meu pai foi aos funerais. Jamais se viu tanta gente que, consternada, acompanhou o ilustre morto até o Cemitério da Consolação, onde foi enterrado.

O velho conde Matarazzo usou luto por muitos anos ainda, pois a dor que sentiu deve ter sido imensa e, eu pessoalmente, o vi vestido de escuro várias vezes e até de palheta preta, andando pelo centro da cidade, na Rua Álvares Penteado e adjacências.

Meu pai trabalhou muitos anos para as Indústrias Matarazzo. Certa ocasião, encontrou o Conde Chiquinho, que se recordou do seguinte episódio: um dia quando rapaz, “fugiu com a bicicleta do papai para dar um passeio”. Ambos deram gostosas gargalhadas ao recordar o fato.

Por ocasião da morte do Ermelino, o sobrinho, filho do Conde Chiquinho, ocorrida recentemente, lembrei-me daqueles acontecimentos já tão distantes.

CAPÍTULO XVII - MÉDICOS

No início deste século havia um grande número de médicos italianos: Dr. João Priore, Dr. Olinto De Luccia, Dr. Filippo de Filippo, Dr. Dellape, Dr. Dino Vanucci, Dr. Salvatore Levato, Dr. Quirino Pucca, Dr. Rubbo, Dr. Mauro e muitos outros. Lembro-me do Dr. João Priore, que me tratou quando tive varíola e, anos mais tarde, pneumonia dupla; do Dr. Olinto De Luccia, quando tive, novamente, pneumonia aos quatorze anos. Desejo lembrar uma grande amiga de mamãe, D. Diletta, que vinha em casa aplicar-me injeções pela madrugada, nesta última pneumonia. Do Dr. Quirino Pucca, quando a família inteira esteve acamada e, após examinar um por um em casa, relutou com papai para não receber o valor da visita. Desejo frisar um fato um tanto pitoresco, acontecido com meu irmão caçula. No auge da febre, levantou de madrugada e foi beber água na cozinha. Em vez de água, pegou a garrafa de aguardente e tomou um bom gole de uma só vez, voltando para a cama. No dia seguinte, a sua febre tinha desaparecido de vez.

O Dr. Quirino Pucca, de idéias socialistas, esteve preso pela polícia especial da época no presídio da Maria Zélia no Belenzinho, morrendo anos depois. Existe hoje, na Lapa, uma rua que leva o seu nome. Dos médicos brasileiros lembro-me do Dr. Margarido Filho e Dr. Mário Gracco, os mais antigos. Posteriormente, conhecemos o Dr. Raphael Briganti, que tornou-se médico de nossa família na época da Segunda Guerra Mundial. Após a sua morte, o Dr. Vicente Monetti tomou seu lugar na família.

Jovem ainda, muito estudioso, formado em 1941, foi o primeiro aluno da sua turma. Lembro-me bem da primeira vez que fui ao seu consultório. Tinha um antraz numa perna que me causava muita dor. Após um intenso tratamento fiquei curado.

Tratou de toda a família anos e anos. Por ocasião da enfermidade da mamãe foi de uma dedicação a toda prova. Entre as várias doenças que ela tinha, o que mais a perturbava era a diabetes. Num domingo à tarde seu estado se agravou entrando em coma. O Dr. Monetti tinha viajado e só voltaria à noite. Conseguimos um médico no prédio que atestou coma diabético. Ficamos indecisos a medicá-la com o que ele receitou e, por nossa sorte, o Dr. Monetti chegou a tempo de diagnosticar que mamãe

estava com hipoglicemia, no que ele acertou plenamente, tanto que no dia seguinte, ela já estava consciente e conversando.

Foram tantos os casos que ele acertou nesses anos, excelente profissional, além de amigo, fazia da Medicina um sacerdócio, sempre pronto para atender nas horas em que era preciso. Infelizmente, faleceu de um mal-súbito em 6 de abril de 1983. Foi um dia muito triste para mim aquele. Chorei até soluçar o dia inteiro pela perda irreparável do amigo. Ainda hoje sinto sua falta. Que Deus o tenha na Santa Glória.

CAPÍTULO XVIII - BARBEIRO

Conheci o meu barbeiro em 1933. Durante cinquenta anos dele me servi. Trabalhava no Salão Concórdia, localizado no largo do mesmo nome no Brás. Ao contrário de qualquer barbeiro, jamais especulou sobre a vida de quem quer que seja. Nunca o ouvi falar mal de alguém. Era um excelente profissional e tinha os seus fregueses exclusivos no salão. Era conhecido por Salvador, o barbeiro. Salvador era seu verdadeiro nome. Faleceu também em 1983, ano em que perdi dois grandes amigos. Que Deus lhe dê também o merecido descanso. Aquele ano foi triste para mim.

CAPÍTULO XIX - UNIONE DEI VIAGGIATORI ITALIANI

O leitor curioso há de pensar: o que significa este título? Fácil de explicar.

As principais firmas italianas: Matarazzo, Moinhos Santista⁽¹⁾, Gamba, Puglisi, Cotonificio Rodolfo Crespi e muitas outras, tinham um corpo de vendedores que percorriam o interior do Estado de São Paulo e estados vizinhos e eram denominados viajantes. Todas as viagens eram feitas por estradas de ferro. Os viajantes possuíam uma carteira quilométrica para o pagamento das passagens, naturalmente, por um preço mais em conta. Ficavam longo tempo fora de casa a serviço das firmas, visitando os clientes, vendendo as mercadorias, recebendo as duplicatas vencidas, fazendo tudo o que um vendedor deve efetuar. Transportavam o dinheiro recebido, pois as cidades interioranas eram quase todas desprovidas de bancos. As ligações telefônicas interurbanas duravam horas a concluir e o automóvel era objeto de luxo. Era esse o meio mais fácil que existia naquela época para executar esta modalidade de serviços.

Fundaram, então, a Sociedade “Unione dei Viaggiatori Italiani”, uma espécie de sindicato de classe, porém, sem pelegos ou políticos como os sindicatos atuais. O dinheiro sempre chegava ao destino. Eram raros os casos de assaltos. Hoje seria impossível tal sistema. A sociedade promovia festas, bailes, piqueniques e dava assistência médica aos seus associados.

⁽¹⁾A sucursal do Moinho Santista naquela ocasião foi fundada em São Paulo por Giovanni Ugliengo, gerente da mesma, tendo como chefe contador Giovanni Batista Della Casa e ambos eram italianos, como a maioria dos chefes de seções e seus subordinados.

Lá conheci dois grandes amigos, Sírio Pellegrini e Ângelo Fedalto que, infelizmente, já faleceram.

CAPÍTULO XX - ESTRADAS DE FERRO

Quando garoto, tinha uma paixão obcecada por trens. Morávamos na Rua Venâncio Aires, segunda travessa da Avenida Pompéia e, a antiga Estrada de Ferro Sorocabana, distava de nossa casa uns trezentos e cinquenta metros em linha reta. Todas as noites, ao deitar, não conseguia dormir até ver o clarão do possante farol da locomotiva a vapor e ouvir o seu apito prolongado e estridente. Era o noturno que ia pelo interior do estado afora até a cidade de Bauru.

Além da Sorocabana, existia a São Paulo Railway, mais tarde denominada Santos-Jundiaí, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a Ituana, a Douradense, a Araraquarense, a Noroeste do Brasil, a Central do Brasil, todas elas no Estado de São Paulo. Existia também a Cantareira, com o famoso “Trem das Onze” de Adoniran Barbosa.

Numa ocasião, fui com meu primo mais velho, já falecido, fazer uma viagem pela Cantareira. O trem, como sempre, andava muito devagar, pois a bitola era de cinquenta centímetros, se não me engano. Meu primo apostou comigo que correria mais rápido do que a composição ferroviária.

Na primeira estação, desceu do trem e, quando este partiu, começou a correr ao lado do mesmo, pelo leito da estrada. Mas, perdeu o fôlego e ficou bem para trás. Desci na primeira parada e voltei ao encontro dele, que já estava atravessando uma ponte sobre o Rio Tietê e, bem no meio dela. Levei um susto danado, pois vinha um outro trem em sentido contrário, aproximando-se da mesma ponte. Felizmente, conseguiu safar-se do grande perigo por um triz. Que imprudência! Não contamos em casa o sucedido pois, caso contrário, o resultado não seria nada bom para nós.

Mas, voltando às outras estradas, fiz muitas viagens pela Sorocabana até Sorocaba, Itapetininga, São Manuel, Bauru e Ourinhos. Pela S.P.R. até Santos. A descida da Serra do Mar era uma maravilha. Pela Paulista, Bauru, Fernão Dias e Marília. No Carro Pullman da Paulista, era uma viagem esplêndida, acomodado numa poltrona giratória “regada” a cerveja, cuja viagem durava cinco horas.

Pela Central do Brasil, viajei até Moji das Cruzes, Jacareí, São José

dos Campos, Taubaté, Aparecida, Guaratinguetá, Cruzeiro, Cachoeira Paulista, Agulhas Negras, Barra do Pirai e Rio de Janeiro. Dava gosto ver aquelas locomotivas da Central, com rodas de até dois metros de diâmetro, movimentadas pelos famosos “puxavantes”. Para mim, era um espetáculo maravilhoso e fascinante. Pena que acabou, pois as locomotivas a óleo diesel e as turbinas elétricas substituíram o vapor.

La me esquecendo de contar de uma viagem que fiz a São Lourenço, famosa estação balneária. O trem era puxado por duas locomotivas, uma na frente e outra atrás da composição, tamanho era o declive da serra na Rede Sul Mineira de Viação, principalmente, na passagem do famoso túnel da Revolução Constitucionalista de 1932. O único inconveniente eram as fagulhas que saíam da chaminé da locomotiva e que entravam nos olhos dos viajantes, quando o combustível era o carvão. Quando era a lenha, queimava até a roupa da gente. O remédio era fechar as janelas dos vagões, mas mesmo assim, era um espetáculo empolgante. Pena que acabou para sempre, repito e, com muita tristeza.

Fiz também uma viagem até Londrina, pela Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, que ia de Ourinhos até o Norte deste último estado. Era uma viagem cansativa que durava nada menos de vinte e três horas, quando não havia atraso.

Antes de terminar este capítulo, desejo relatar um fato acontecido em Guaratinguetá. Tinha ido com meu sogro visitar sua mãe de criação. Na volta, nos dirigimos à estação ferroviária para tomar o trem, quando avistamos o mesmo, já em ponto de partida para São Paulo. Saímos em disparada. Meu sogro, como era funcionário da Central, conseguiu passar pela chancela, mas eu fui impedido. Pulei então a grade e, correndo, consegui tomar o trem em movimento. Na próxima estação, em Aparecida, paguei uma multa e prossegui a viagem.

CAPÍTULO XXI - CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA



Tio Luigi Pugliesi

Em 1922 ia ser comemorado o centenário da nossa Independência. O escultor Ettore Ximenes venceu a concorrência e montou o atelier na Vila Prudente para confeccionar as estátuas.

Conta um grande amigo meu, que morava naquele bairro, todos os dias ia lá para ganhar sucatas de bronze, resíduos das fundições, para depois vendê-las, apurando algumas moedas para comprar guloseimas.

O monumento não ficou de todo concluído a sete de setembro e as espadas foram feitas de gesso e depois pintadas na cor de bronze para a inauguração. Dias após os festejos, choveu muito e as partes salientes das estátuas se desfizeram, principalmente as espadas, que ficaram reduzidas pela metade, o que gerou certa comicidade, naturalmente.

Na ocasião, o meu tio Luigi e mais três amigos foram em duas motocicletas Triumph com sidecar, representando o Palestra Itália de São Paulo, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras. Não existia, naquele tempo, a estrada de rodagem Rio-São Paulo e, os caminhos que ligavam uma cidade à outra, eram todos de terra batida. A viagem foi realizada por estes caminhos, em certos trechos intransitáveis, em que as motos eram carregadas pelos moradores das regiões, com todo sacrifício. Felizmente, chegaram ao Rio de Janeiro em tempo de assistir às solenidades do acontecimento, que foram realizadas com toda pompa. Epiácio Pessoa era o Presidente da República.

CAPÍTULO XXII - JORNAIS E REVISTAS

Havia na cidade grande número de jornais, entre eles “O Estado de S. Paulo”, Diário Popular, Correio Paulistano, A Platéia, Combate, Diário Nacional, A Gazeta, Folhas da Manhã, da Tarde e da Noite. De todos, só alguns existem ainda, já bem antigos. Dos jornais estrangeiros havia o Fanfulla (que chegou a ter uma das maiores tiragens em São Paulo), a Tribuna Italiana, o Piccolo e o jornal alemão Deutsche Zeitung, que existe até hoje. Entre as revistas principais havia a Scena Muda, referindo-se somente ao cinema mudo. Eu Sei Tudo, A Cigarra, O Malho, A Careta, O Parafuso, O Tico-Tico (revista infantil) e O Cruzeiro, com sua famosa charge do “Amigo da Onça” de autoria do Péricles.

Marcou época, também, uma outra charge famosa de Belmonte, “Juca Pato”, publicada nas Folhas. Existia também um cidadão que tinha um enorme nariz e a boca desdentada. O nariz era tão grande, que conseguia alcançar a sua ponta na própria boca, tanto que a sua fotografia saiu em várias poses nos jornais, fazendo tal ginástica. Dos jornais antigos, existe ainda hoje, também a Folha de S. Paulo, substituindo a Folha da Manhã e, a Folha da Tarde, hoje denominada FT.

CAPÍTULO XXIII - CAFÉS

Na cidade existiam cafés em quantidade. Além do café de ótima qualidade, havia também a famosa média com pão e manteiga. Os clientes eram servidos em mesas de mármore e cadeiras bem confortáveis. Ainda me lembro de alguns e dos respectivos nomes, entre eles, Acadêmico, São Paulo, Guarany e Brandão. O Guarany situava-se na Rua XV de Novembro e tinha uma pequena orquestra onde minha professora de violino tocava.

No Brás, havia um café com piano automático (autopiano), que deleitava os clientes com suas maravilhosas músicas.

Existia, no mesmo bairro, a famosa Confeitaria Guarany, que tinha um enorme salão, onde exibiam-se filmes, enquanto os clientes se serviam de doces, salgadinhos, bebidas alcoólicas, refrigerantes e sorvetes.

CAPÍTULO XXIV - BARÕES DO CAFÉ

Na época de ouro do café, os mais ricos fazendeiros viviam em Paris, deixando suas fazendas aos cuidados dos administradores e colonos, na maioria imigrantes. Após a queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929, quase todo mundo ficou na ruína.

Os acontecimentos daquela época foram bem retratados em duas peças teatrais: “Santa Martha Fabril S.A.” e “Os Ossos do Barão”, escritas por dramaturgos nacionais.

A respeito, assisti uma calorosa discussão na época entre o meu tio Luigi e um ex-fazendeiro, que afirmava estar morando ainda no Brasil, devido à queda dos preços do café, ocasionada pelos acontecimentos de 1929. Vou repetir, fielmente, as palavras do ex-fazendeiro: “Isto aqui é uma ‘merda’ (referindo-se ao Brasil). Se não fossem os acontecimentos de 1929, estaria morando em Paris”.

Meu tio estupefato respondeu-lhe ao pé-da-letra: “Se o senhor faz este juízo do Brasil, eu, pelo contrário, como italiano, acho isto aqui um paraíso”. Sem comentários. Depois desta, o homem enfiou a viola no saco e picou a mula, como diz o caipira.

CAPÍTULO XXV - TRAVESSURAS

Meu pai era um exímio ciclista. Com os poucos meios de locomoção em sua juventude, não havia outra escolha. Possuía uma bicicleta Bianchi, onde eu também dava as minhas pedaladas. Morávamos na Vila Pompéia. Um dia, sem dizer nada a ninguém, resolvi ir de bicicleta até o Brás para visitar os meus avós maternos. Ao me aproximar da casa deles, pensei o que poderia acontecer caso contassem aos meus pais aquela minha travessura. Voltei imediatamente para casa, sem que ninguém percebesse.

CAPÍTULO XXVI - MODAS MASCULINAS E FEMININAS

Poucas casas existiam do ramo, a mais importante era o Empório Toscano, na Ladeira General Carneiro, principalmente, em ternos e roupas para crianças e adolescentes do sexo masculino. Vinha depois a Casa Cosmos na Rua Direita. Para o sexo feminino, a principal era o Mappim Store, na Praça Patriarca, onde está situada hoje a Sede do Unibanco. Na Rua Direita, estavam também as Casas Alemã e Lemcke.

CAPÍTULO XXVII - TRANSPORTES URBANOS

O transporte coletivo era efetuado pelos bondes no início do século, cuja passagem custou duzentos réis por cerca de quarenta anos.

Os veículos eram numerados e tinham um letreiro na frente, indicando o destino. Ainda me lembro de vários deles, por exemplo: nº 1, Paula Souza, que ia do Largo do Tesouro, percorrendo pela Ladeira General Carneiro, Parque D. Pedro, Rua do Gazômetro (hoje Rua do Gasômetro), Monsenhor Andrade, Benjamin de Oliveira, Santa Rosa, Paula Souza, Florêncio de Abreu e Largo São Bento (ponto final); na volta fazia o mesmo trajeto, em sentido inverso, com destino ao Largo Tesouro. A pessoa que dirigia o bonde era chamada motorneiro e, o cobrador, era chamado condutor. O referido bonde fazia o trajeto quase junto à nossa residência. O motorneiro e o condutor eram dois italianos. Um era do Norte da Itália, chamado Federico, e o outro, do Sul, cujo nome não me lembro agora. Os bondes levavam a seguinte inscrição na parte externa dos lados, em letras bem visíveis: SÃO PAULO É O MAIOR PARQUE INDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA.

A título de curiosidade, passo a informar os bondes que me lembro: nº 1 - Paula Souza, nº 2 - Brás, nº 3 - Avenida, nº 4 - Ipiranga, nº 5 - Paraíso, nº 6 - Penha, nº 8 - Bresser, nº 10 - Moóca, nº 13 - Barra Funda, nº 25 - Fábrica, nº 30 - Bosque da Saúde, nº 32 - Vila Prudente, nº 35 - Lapa, nº 39 - Ponte Grande - Vila Mariana, nº 41 - Tamandaré e nº 42 - Jabaquara.

CAPÍTULO XXVIII - FARMÁCIAS E DROGARIAS

O número de farmácias superava o de drogarias. A maioria dos remédios eram aviados mediante receita médica, ao contrário do que acontece hoje. As mais antigas, que ainda me lembro, eram: Botica do Veado de Ouro, na Rua São Bento, onde existe até hoje, sendo já centenária; Farmácia Italiana, instalada na Rua do Tesouro; Farmácia Romano, no Largo Paissandu, que ficava aberta as 24 horas do dia.

As drogarias mais antigas eram a Casa Baruel, na Praça da Sé; Morse, à Rua José Bonifácio, hoje Drogasil; Amarante, no Largo da Misericórdia. Depois, veio a Drogeria São Paulo e muitas outras foram aparecendo, já com os medicamentos manipulados em laboratórios e indústrias farmacêuticas.

CAPÍTULO XXIX - LIGHT & POWER

A energia elétrica, para a cidade, era fornecida pela Light & Power. As usinas geradoras estavam e, ainda estão, localizadas em Cubatão, na Serra do Mar e tinham capacidade para produzir um milhão de Kilowatts.

São Paulo deve muito à Light pelo seu progresso. Nas décadas de 20 e 60, devido à estiagem, as indústrias sofreram muito pela falta de energia elétrica, recorrendo, primeiramente, a motores a óleo cru e, depois, a geradores.

Hoje a energia elétrica vem de Furnas, pois devido ao grande desenvolvimento industrial da cidade e do resto do Estado, as usinas da Light em Cubatão, não teriam condições de suprir, inteiramente, a demanda necessária. Todavia, é ainda a Light que a recebe e distribui.

Rendamos, pois, a nossa homenagem à Eletropaulo, sucessora da Light, pelos 90 anos de existência, um marco pioneiro no progresso de São Paulo.

A propósito, transcrevo, em seguida, um artigo de autoria de Marleine Cohen, publicado no "Shopping News" no dia 03 de março de 1991, página 5:

"Luz e Bondes no Limiar do Século XX

The San Paulo Tramway, Light & Power se instalou no Brasil em 1899. Trabalhando com iluminação e bondes, logo ocupou o centro nevrálgico da cidade, instalando-se primeiro na rua São Bento e, depois, na rua Direita. O sucesso da Light e a expansão financeira da cidade, levaram a empresa canadense a buscar uma sede maior, no Edifício Martinico, na praça Antônio Prado em 1907. Mas, foi em 1920, que a primeira seção da empresa - a de Recebimento de Contas - ocupou as instalações do velho Teatro São José, no Viaduto do Chá. O teatro foi demolido para dar lugar à nova sede da Light, projetada pelos arquitetos americanos Preston e Curtis e executada pelo escritório técnico Ramos de Azevedo, Severo e Villares S.A. As obras foram iniciadas em 1925, com a

demolição do velho teatro e terminaram em 1929. Outra ala, executada em 1939, foi acrescida do lado da rua Formosa. O prédio foi denominado Alexandre Mackenzie, em homenagem ao advogado de Toronto, que a partir de 1899, passou a representar, no Brasil, as companhias do Grupo Light.

Foi nesse mesmo ano que a Light conquistou “a concessão, por 40 anos, para a construção, uso e gozo de linhas de bondes por eletricidade na cidade de São Paulo e subúrbios”. Também obteve “a concessão para a construção, uso e gozo de linhas para a produção e distribuição de eletricidade para a iluminação, força motora e outros misteres da indústria e comércio”. Por fim, também conseguiu “a concessão para o assentamento de postes e fios de transmissão da potência hidráulica das cachoeiras do rio Tietê, no município de Parnaíba, até a capital e seus subúrbios”.

A inauguração da primeira linha de bonde se deu em 7 de maio de 1900, quando o presidente do Estado, Conselheiro Rodrigues Alves, “deu o primeiro impulso aos dínamos da usina provisória a vapor de São Caetano”. Trinta minutos depois, saía para sua viagem inaugural, o primeiro carro, que tinha como motorneiro, o superintendente da Light, Sir Robert Brown e, como passageiros, ilustres personalidades da vida política nacional.

Anos depois, a Light assinou, em 1911, seu primeiro contrato com o Governo do Estado para iluminar, com lâmpadas elétricas, as avenidas Brigadeiro Luís Antônio e Higienópolis. Naquele mesmo ano, recebia sinal verde para dar a luz a estrada da Penha (hoje avenida Celso Garcia), as ruas Guaicurus e Trindade, além da avenida Água Branca.”

(Transcrição do Shopping News de 03/março/1991, pág. 5)

CAPÍTULO XXX - EPIDEMIA DE DOENÇAS CONTAGIOSAS

Contava o meu pai, que quando criança, houveram várias epidemias de doenças contagiosas, principalmente, a peste bubônica. Em 1912, a cidade foi assolada pela varíola, da qual eu mesmo fui atingido. Em 1918, a gripe espanhola espalhou-se pela cidade inteira, causando uma quantidade enorme de mortes.

Quando menino, lembro-me das pessoas atacadas pela tuberculose, cujos doentes, eram tratados em São José dos Campos e Campos do Jordão, onde existiam numerosos sanatórios para a cura desta moléstia.

Mas, o mal mais terrível, era a lepra. As pessoas, que sofriam desse mal, perambulavam pela cidade pedindo esmolas. Uns andando a pé, outros a cavalo, com um lata na mão, onde a população jogava as moedas para evitar o contágio.

A meningite, somente atingia as criancinhas. Esta doença decorria de uma complicação de gastroenterite. Dificilmente havia salvação, pois, se a criança sobrevivía, ficava com sequelas. Felizmente, todas essas moléstias foram erradicadas com os medicamentos e as vacinas que foram aparecendo.

O mais curioso era a propaganda de alguns medicamentos, de certa forma espalhafatosa, como por exemplo: a figura de um homem com um lenço tapando a boca e com os dizeres: "Larga-me e deixa-me gritar, Xarope São João, o melhor para a tosse"; em outro anúncio, um homem apondo um revólver para o ouvido e outro, ao lado, gritando-lhe: "Não faça isso! Já existe o Elixir 914, para a cura da sífilis."

Mas a propaganda mais curiosa era para a bronquite, em tabletas colocadas na parte interna dos bondes, onde se lia:

Veja o ilustre passageiro
belo tipo e faceiro,
que o senhor tem a seu lado,
pois no entanto, acredite,
quase morreu de bronquite,
Salvou-o Rum Creosotado.

CAPÍTULO XXXI - TIRO DE GUERRA

Na década de 20, havia em São Paulo muitos Tiros de Guerra, como assim eram chamados. Os moços em idade de prestar o serviço militar, inscreviam-se nessas corporações e faziam um curso igual ao do exército, com duração de mais ou menos oito meses.

Eu mesmo cursei o Tiro de Guerra 546, em 1929, onde tinham sido matriculados uns setecentos soldados. Os exercícios eram realizados à noite, no Parque D. Pedro e, inclusive, as marchas de até 40 quilômetros nos bairros distantes do centro da cidade. Os exercícios de tiro eram efetuados aos domingos pela manhã, num stand localizado em São Caetano do Sul. Íamos todos num trem especial até aquela localidade. Terminado o curso, os aprovados, após o Juramento à Bandeira, recebiam um Certificado de Reservista de Segunda Categoria, válido para todos os efeitos.

CAPÍTULO XXXII - REVOLUÇÃO DE 1932

Sem entrar no mérito político da questão, embora eu tenha achado justíssimo, o Movimento Constitucionalista da época, São Paulo, viveu um momento grandioso naquela ocasião.

A mobilização foi total. A partir dos voluntários que foram para os campos de batalha, a adaptação da indústria na fabricação de armas e munições, médicos e enfermeiras atendendo aos apelos das autoridades, a instalação de trilhos para os bondes até o Mercado Central, a confecção de uniformes, a emissão de bônus, substituindo o mil réis, o trem blindado, as manifestações populares de solidariedade ao movimento. Grandes tribunos discursavam, entre eles, Ibrahim Nobre, João Neves da Fontoura e muitos outros, demonstrando uma pujança sem par no país. São Paulo lutou, sozinho, por três meses, contra o resto do Brasil.

É uma pena que as elites políticas de hoje, se é que ainda existem, não seguem os exemplos daquela epopéia, reduzindo-se o país, ao estado em que hoje se encontra.

Realmente, foi uma epopéia memorável. Felizes os que viveram aquela época e a puderam contar estes fatos aos seus filhos e netos.

CAPITULO XXXIII - BALÕES

Nas Festas Juninas era grande o número de balões que eram “soltos nos céus” da cidade. Eu era um apaixonado por eles e fazia uma quantidade considerável todos os anos, desde a infância e, até depois, já adulto. Lá pelo ano de 1938, fiz um balão do formato de um dirigível, bem menor, naturalmente e, com bandeiras penduradas de várias nações. Solto o balão, e ele sobe a uma grande altura. Na hora da subida, uma senhora já idosa, muito entusiasmada pelo acontecimento, gritou a plenos pulmões: “viva o senhor fogueteiro!”. A risada dos presentes foi geral e eu acabei recebendo aquilo como um elogio.

CAPÍTULO XXXIV - PIPAS, PAPAGAIOS OU BARRILETES

Também tive grande paixão por eles, a ponto de soltá-los da laje de um prédio de vários andares, localizado no meio de uma colina, onde tinha todo o espaço no interior da mesma, suficiente para empiná-los, favorecido pelos fortes ventos, muito comuns naquela área. Enfim, brinquedos e distrações de crianças, adorados também por adultos.

CAPÍTULO XXV - RESTAURANTE QUAGLIA

Havia um restaurante, no antigo Caminho do Mar, de propriedade de um casal de italianos, cujo sobrenome era Quaglia.

Uma manhã, o casal apareceu assassinado por um empregado do restaurante que, após o crime, desapareceu levando todo o dinheiro e objetos de valor.

Apesar de todo o esforço da polícia, o crime permaneceu por muitos anos sem solução.

Acontece que um negociante estabelecido em Niterói apresentou-se à polícia de trânsito para obter carteira de motorista, pelas impressões digitais do mesmo, descobriram ser ele o assassino do casal. Desnecessário dizer que o homem foi para a cadeia. Os jornais daquela época noticiaram o acontecimento com grande estardalhaço, tendo um deles publicado a notícia em letras garrafais: "PELO DEDO É QUE SE CONHECE O GIGANTE".

CAPÍTULO XXXVI - CHARLES LINDENBERG

Conforme o capítulo anterior sobre De Pinedo, a aviação intercontinental engatinhava nas décadas de 20 e 30.

Um feito sensacional e memorável foi realizado por Charles Lindenberg, que sobrevoou o Atlântico Norte, ligando os Estados Unidos à Europa.

Foi uma façanha inédita, quando o avião aterrissou no Aeroporto Le Bourget, na França.

O acontecimento causou sensação no mundo inteiro, sendo noticiado com grande alarde em todos os principais jornais de todos os países.

CAPÍTULO XXXVII - ISTITUTO LIEVORE

Ao sair do 4º ano do Grupo Escolar D. Pedro nas Perdizes em 1922, meus pais, ouvindo um conselho de um meu tio, matricularam-me no Instituto Lievore, situado à Rua da Conceição nº 5, no centro da cidade.

A mesma rua passou a denominar-se, anos mais tarde, Avenida Cásper Libero, pois o vespertino “A Gazeta”, instalou-se em frente à esta escola posteriormente.

O horário das aulas era das 9:30 às 15:30 horas, com intervalo de uma hora das 12:00 às 13:00 para o almoço. A gente levava um sanduíche de casa, completando a refeição com um prato de sopa, ao custo de duzentos réis.

Pela manhã, o curso era de italiano e à tarde de português. Os livros eram fornecidos pela escola, gratuitamente, às expensas do governo italiano. O aluno devia levar caneta, lápis, borracha e cadernos.

A tinta de escrever era de cor violeta. Lembro-me bem, que começava as lições de casa, quase no fim das aulas e as completava em casa. Como era uma tinta difícil de se encontrar, comprei anilina da mesma cor e dissolvi com água. Mas a cor era diferente e chamado pelo professor para explicar a divergência do colorido, contei-lhe a verdade sem nenhuma consequência para mim pois, não estava cometendo nenhuma falta. Assim ganhava mais tempo para poder estudar violino e brincar.

A disciplina era rígida. Vi muitos alunos apanharem, de verdade, pelas faltas que cometiam, com o consentimento dos pais. Havia um professor que os alunos apelidaram de “cabelo de rata”, pois tinha os cabelos cortados à escovinha. Escreveram até uns versos a seu respeito que assim começavam:

“Chico barata
cabelo de rata,
quando ele anda
parece uma caçamba.
Ele tem os cabelos em pé

que parece um chaminé.
Quando ele berra,
ele bate com os pés na terra.”

O diretor, o próprio Lievore, era de um severidade sem par. Quando a algazarra no recreio era demais, aparecia na janela de seus aposentos gritando: “Ei, che baccano è questo?”. Era a mesma coisa que jogar água fria na fervura. O silêncio era total.

Ele também lecionava e, quando um aluno dizia qualquer asneira nas lições ele gritava: “La sigaretta!”, tirava então um cigarro do maço e começava a fumar para relaxar. Ainda me lembro a marca do cigarro, “Selecta”. Ele então dava umas baforadas, voltando a calma em seguida. A classe era do quarto e quinto ano, tinha uns oitenta alunos e era mista.

Os alunos mais velhos da escola eram o Valério Giuli, que foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo e Pedro Frugis. Eles eram muitos bons amigos. Mas, certa ocasião, brigaram por uma bobagem qualquer e o diretor quando soube, chamou-os para fazerem as pazes. Depois de fazer uma preleção a ambos disse: “Stendetevi le mani!”. Somente o Giuli obedeceu. Resultado: o Frugis levou uma tremenda bofetada que quase foi ao chão.

A mulher de Luigi Lievore, maestra Emma, como era chamada, andava de bengala, pois tivera um derrame e fustigava com ela os alunos, chamando-os de “vigliacchi, farabutti, mascalzoni etc”, no que era arremedada por todos, naturalmente longe dela. O seu estado de saúde se agravou e o casal Lievore voltou para a Itália, vendendo o Instituto para o professor Zeppeigno, que também não brincava em serviço. Tinha uma régua de respeito em sua mesa que era sempre usada, quando julgava necessário.

Nenhum pai ou mãe vinha reclamar dos castigos impostos aos seus filhos. A lei era aquela e sem mais conversa. Se a gente se queixava aos pais que tinha apanhado na escola, apanhava em casa novamente.

Quando eu estava no quinto ano em 1925, fui escolhido para fazer um tema sobre o aniversário da fundação de Roma, comemorado no dia 21 de abril. O trabalho seria enviado ao Ministério da Educação da Itália. Era um concurso chamado “Concorso degli scuole italiane all'estero”. A

nossa escola, graças a mim, tirou o terceiro lugar.

Quando terminei o curso, continuei na mesma escola à noite, estudando contabilidade. Uma noite, durante as aulas, fui chamado às pressas pela senhora Zeppegno, a fim de mandar aviar com urgência uma receita na Botica Veado de Ouro, pois o marido tinha sofrido um derrame. De nada adiantou, ele faleceu na madrugada do dia seguinte e o sepultamento foi realizado no Cemitério do Araçá.

Foi uma boa escola para mim, pois grande parte do que aprendi devo a ela. Para terem uma idéia da população de origem italiana daquela época, somente em São Paulo, existiam mais de cinquenta escolas da língua de Dante Alighieri.

Toda a minha geração da família frequentou aquela escola, inclusive meus primos. Na volta tomávamos o Bonde nº1, Paula Souza, no Largo São Bento. Não é preciso dizer a algazarra que nele se formava com outros alunos do bairro do Brás, onde morávamos.

Certa vez o meu tio Augusto Zani escondeu-se na plataforma traseira do bonde, a fim de presenciar o nosso comportamento na viagem de volta. É desnecessário dizer o que aconteceu depois de termos sido pilhados em flagrante em plena algazarra.

CAPÍTULO XXXVIII - TEATRO SANTANA

A origem da palavra Santana, ou melhor dizendo, do nome Santana, é Sant'Anna. Na antiga ortografia portuguesa, como era na época em que cursei o grupo escolar. Ana escrevia-se com dois enes. O apóstrofo era usado para simplificar a união de duas palavras, por exemplo: um copo d'água.

Poucas pessoas sabem disto hoje e, nem podia ser diferente, numa época em que se esquece de tudo, das tradições, da origem das palavras. Mas, voltemos ao Theatro Sant'Anna, como assim era chamado.

Era o segundo teatro de São Paulo, localizado na Rua Vinte e Quatro de Maio, entre a Praça Ramos de Azevedo e a Rua D. José de Barros.

Magnífico teatro construído na forma tradicional e que os nossos governantes não conseguiram preservar. Foi um crime monstruoso a sua demolição, pois até calefação tinha. Lá assisti óperas, operetas, dramas, comédias, companhias de revistas, concertos sinfônicos, recitais de gente famosa, como Carlo Butti e outros. A Companhia Dulcina e Odilon marcou época naquele teatro com as peças: "Sinhá moça chorou", "As solteironas dos chapéus verdes", "Chuva", "Os amores do imperador" (D. Pedro I) e, outras que, por meses a fio, continuavam em cartaz.

Das operetas então nem se fala. Tive a felicidade, numa tarde, de ouvir uma conversa bem agradável entre os atores Ítalo Bertini, Cesare Fronzi, seus empresários e o gerente do teatro. A discussão bem acalorada entre os quatro terminou com a seguinte frase do Bertini: "Bem, a conversa está boa, má io me ne vago, buona sera.", isto é, "mas eu me vou, boa tarde". Ouvi tudo disfarçadamente e ri no fim dela. Todos os quatro perceberam a minha bisbilhotice e se entreolharam, como dizer: "O que está fazendo aqui esse cara!...". Saí de mansinho todo satisfeito por ter ouvido aquela conversa sobre arte com gente famosa.

Como já disse, tudo aquilo estava e continuará em minha memória até morrer. Ainda bem que existe a palavra saudade, que serve de grata recordação do tempo que já não mais existe. Mas, é o único consolo que a minha geração tem justificando a famosa frase: "recordar é viver". Ai daquele que não tem nada para lembrar, pois o tempo não volta atrás",

como diz aquele famoso fado português. Bem-aventurados aqueles que como nós, podem se orgulhar de ter vivido uma época de ouro como aquela.

Tive também a felicidade de tocar naquele teatro, na orquestra do Istituto Musicale Benedetto Marcello, no dia em que foi representada a peça "Berretto a Sonagli" de Luigi Pirandello.

Pensei ter finalizado este capítulo, mas me veio a lembrança de uma noite esplendorosa, com a representação da Opereta Frasquita. Era o festival da atriz e soprano Franca Boni. O espetáculo foi estupendo, principalmente, quando o tenor Mário Fontana cantou o trecho "Oh, Fanciulla all'imbrunir". Foi uma noite inesquecível, repito, que terminou às duas horas da madrugada.

Assim se conta uma parte da história do Theatro Sant'Anna que, por incúria e desleixo das autoridades, foi demolido em tão malfadada hora.

CAPÍTULO XXXIX - CANTINAS E PIZZERIAS

Os imigrantes italianos adoravam as cantinas e pizzerias. Nas poucas horas de lazer que tinham, ir a uma cantina tomar um bom copo de vinho, comer provolone, sardella calabreza, linguiça também calabreza, um bom cabrito, presunto, salame, “cipolline” e demais iguarias da terra distante, sempre acompanhadas do famoso pão italiano. Havia também o famigerado “stoccofisso”, cujo cheiro era terrível e a maioria das mulheres detestavam cozinhá-lo. Depois, estes tipos de cantina foram desaparecendo, dando lugar a outras mais incrementadas, apresentando pratos bem saborosos, principalmente, massas com temperos maravilhosos para a delícia de seus clientes glutões.

No Bairro do Brás, haviam as cantinas Balilla e Castelões, que existem até hoje. Na Rua Jairo Góes, antiga travessa do “Braz”, havia a famosa Adega do Braz. No largo da Concórdia, a Cantina do Vito Macchiarolli. Na Penha, existia o Empório Rossi, que também tinha a sua cantina.

As pizzerias foram aparecendo de forma considerável. Eu acho que São Paulo é uma das cidades do mundo que mais se come pizzas. Além das casas especializadas, qualquer bar, padaria e confeitaria tem seu forno para fazê-las.

Segundo o jornalista Frederico Branco, em seu artigo “Prima Pizza”, no Jornal da Tarde de 10 de janeiro de 1990, o primeiro pizzaiolo da cidade foi Don Carmino Corvino, estabelecido à Avenida Rangel Pestana, esquina da Rua Monsenhor Anacleto, que conheci na minha mocidade. Atualmente, a maior quantidade de casas do ramo está localizada no Bixiga e nos Jardins. Impressionante o número delas, principalmente na Rua Treze de Maio, uma pegada à outra.

A nossa família também teve a sua cantina e que cantina!

Morávamos num casarão, que tinha um porão, cujo pé direito, media acima de dois metros e meio, que bem se assemelhava aos das cantinas do Bixiga, principalmente a do D. Ciccio Capuano.

Meu zio Salvatore estava passando uma temporada na Itália e re-

solveu nos mandar uma grande quantidade de artigos, bem a gosto dos glutões e bons de copo.

Naquele tempo, estávamos no ano de 1926 e, a importação de artigos estrangeiros, era bem mais fácil.

Imaginem só o que recebemos: “quartolas” de vinho tinto, branco e licoroso, licores dos mais finos e variados, azeitonas, berinjelas, pimentões, alcachofras temperadas em latas, uma enorme variedade de queijos, como: pecorino, parmesão, ricotas, provolones; sardela calabreza, cipolline, alice, ou melhor dizendo, anchovas, além de uma grande quantidade de artigos não lembrados agora.

Todos os artigos eram legítimos, pois naquele tempo não existia a “química falsificadora”. A idéia inicial era para os mesmos serem postos a venda ao público. Mas a família era enorme e, incluindo alguns amigos íntimos, a venda ao público acabou não existindo.

Foram alguns meses deliciosos para a família e, para os amigos íntimos, que deixaram uma imensa saudade, pois o zio Salvatore regressou ao Brasil e tudo acabou.

Todavia, restou a lembrança daquelas excelentes bebidas e iguarias, daqueles dias maravilhosos que, infelizmente, não mais se repetiram.

CAPÍTULO XL - SERRALHEIROS

Em continuação ao capítulo anterior, desejo contar um fato bem pitoresco acontecido no salão de festas da cantina Balilla.

A firma, onde trabalhei mais de cinquenta anos, tinha uma seção de serralheria e, por conseguinte, estávamos afiliados ao respectivo sindicato. Quase que anualmente, o sindicato promovia um jantar de confraternização na referida cantina.

Num desses jantares foi servido o seguinte cardápio:

“antipasto”: provolone, linguiça calabreza, azeitonas,
salada verde com tomates e salsão,
fuzilli ao sugo com braciola,
franguinho grelhado,
vinho, cervejas e demais bebidas.

Após os presentes terem saboreado, os garçons apareceram perguntando: “O que os senhores desejam de sobremesa?”

Os serralheiros mais velhos, todos italianos, responderam: “Ma cosa é questa sobremesa?”. Os garçons então informaram: “Doces, frutas frescas e em calda”, “Ma che sobremesa, noi vogliamo mangiare un'altra volta”. Os demais presentes prorromperam numa estrondosa gargalhada. Não será preciso dizer que o cardápio foi repetido.

A título de curiosidade, os primeiros serralheiros de São Paulo foram: Gioacchino Pellegrini, Guido Pucinelli e Antonio Chiocca; todos oriundos de Lucca, Itália, onde praticamente nasceu a indústria da serralheria, “fabbro - ferraio”, como lá é chamada.

CAPÍTULO XLI - PAULADAS

Eu frequentava uma escola de Comércio que, depois, foi chamada Escola de Contabilidade e, hoje, é denominada Ciências Contábeis. O curso era noturno e a escola, localizada no centro da cidade. Todos os dias, ao anoitecer, eu ia ao ponto do bonde, localizado na esquina das Ruas Benjamim de Oliveira e da Alfândega, esperar o coletivo.

Numa noite, estava a espera da condução, quando fui abordado por uma turma de rapazes. Reagi à provocação e fui agredido por eles.

Minha sorte, foi o aparecimento do bonde e nele me refugiei, louco de raiva e com espírito de vingança. No dia seguinte, cortei um cabo de vassoura, além da metade e, embrulhei-o para disfarçá-lo. Na hora de ir para a escola peguei a minha “arma” e fui esperar o bonde, sempre no mesmo ponto. Deparei com os agressores do dia anterior e, assim que o bonde virou a esquina, antes do meu ponto, aproximei-me do bando e comecei a dar pauladas a torto e direito; em seguida, subi no coletivo que chegava já em movimento, todo satisfeito pela vingança.

Nada contei em casa, senão o resultado não teria sido bom para mim. Por muito tempo fui tomar o bonde numa outra parada, até o fato cair no esquecimento.

CAPÍTULO XLII - CRIME DA MALA

Na década de vinte aconteceu um crime que abalou a cidade inteira. Foi descoberta num navio, no Porto de Santos, uma mala contendo o corpo de uma mulher já em estado de decomposição. Após as averiguações feitas pela polícia, apurou-se que o assassino foi o próprio marido, José Pistone, que foi preso logo em seguida.

O corpo da mulher, Maria Féa, foi sepultado num cemitério de Santos, em cujo túmulo vão rezar até hoje, visto que a vítima foi considerada uma santa.

José Pistone foi condenado pelo crime que cometeu e libertado antes de concluir o total da pena por boa conduta.

CAPÍTULO XLIII - GINO AMLETO MENEGHETTI

Meneghetti era um italiano, nascido em Lucca. Foi o ladrão que mais trabalho deu para a polícia de São Paulo na década de 20.

Não que fosse um bandido ou assassino, igual aos que existem hoje. Ele era apenas um ladrão comum e nem armado andava. Para prendê-lo, foi necessário um grande contingente de soldados e policiais civis, auxiliados pelo corpo de bombeiros, que vasculharam o bairro de Santa Ifigênia, no centro da cidade.

Foi encarcerado na Penitenciária do Estado, numa cela especial só para ele. Durante o interrogatório, além de ladrão, foi acusado pelo assassinato de um delegado, morto em tiroteio. Meneghetti negou o crime, gritando a plenos pulmões: “Meneghetti è un ladro, ma non un assassino!”. E nada foi provado contra ele.

Cumprida a pena, morreu de avançada idade, com mais de noventa anos.

CAPÍTULO XLIV - QUARTO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE

A cidade de São Paulo iria completar, em 25 de janeiro de 1954, o quarto centenário de sua fundação.

Para comemorar o acontecimento, foi planejada a construção de vários monumentos no Parque do Ibirapuera, a serem inaugurados durante os festejos. Construiu-se o obelisco, o ginásio, o planetário, os edifícios para as exposições de produtos industriais, obras artísticas e também exposições internacionais. Posteriormente, para lá se transferiu a sede da Prefeitura Municipal, onde permaneceu até bem pouco tempo. Hoje, a Prefeitura funciona no Palácio das Indústrias, situado no Parque D. Pedro.

Além dos monumentos e edifícios já citados, foram construídos: um lago e os jardins, com grandes arborizações para o lazer da população, principalmente, nos fins de semana e feriados. Na entrada do parque tinha sido anteriormente instalado o Monumento das Bandeiras, cujo autor foi Victor Brecheret. Os festejos decorreram em grande animação, culminando com uma chuva de prata iluminada por possantes holofotes, quando folhas de alumínio, atiradas pelos aviões, abrilhantaram a noite de 25 de janeiro de 1954.

CAPÍTULO XLV - VIOLINISTAS FAMOSOS

Em minha vida, tive a oportunidade de ver e ouvir três violinistas famosos: Yehudi Menuin, Ruggiero Ricci e Salvatore Accardo. Afora estes, pelo rádio, televisão e discos, ouvi muitos outros, não menos famosos, que me empolgaram e fascinaram. O artista, na verdadeira extensão da palavra, é grandioso, perfeito e sublime. Contou-me um meu professor de violino que um grande violinista do passado, Vasa Prioda, durante a viagem de navio com destino ao Brasil, aprendeu a tocar a nossa linda canção "Luar do Sertão". Ao final de um concerto, tocou esta mesma canção, fazendo no violino um sem-número de variações sobre os seus motivos musicais, deixando o público alucinado e recebendo uma ovação consagrada.

CAPÍTULO XLVI

FIGLIO MIO, È MEGLIO UN CIUCCIO VIVO CHE NU SCIENZIATO MORTO

Na minha adolescência tive, conforme já narrei em páginas anteriores, uma pneumonia aguda. O médico que me tratou, Dr. Olinto de Luccia, ao constatar a moléstia, recomendou descanso absoluto por tempo indeterminado. Fiz ver ao médico que não podia perder dias de aula na escola, ao que ele me respondeu: “Figlio mio. È meglio un ciuccio vivo che nu scenziato morto”; traduzida em português: “meu filho, é melhor um burro vivo, que um cientista morto”.

CAPÍTULO XLVII - PRÉDIO MARTINELLI

O Prédio Martinelli foi o marco inicial da transformação da nossa cidade em uma metrópole. Em 1926, a sua construção foi embargada, mais de uma vez e, a sua conclusão, deu-se apenas no início da década de trinta. Antes dela, porém, houve um incêndio no último andar, pondo a cidade em polvorosa.

Imaginem um incêndio daqueles no topo do prédio, apresentando uma cena dantesca, jamais vista em São Paulo.

O nosso Corpo de Bombeiros teve uma tremenda dificuldade, pois não estava equipado para uma eventualidade daquelas.

Vencidas de vez todas as dificuldades, está aí um belo edifício arquitetônico, um lindo cartão de visita da nossa amada cidade.

CAPÍTULO XLVIII - RUIVA

Nas proximidades do meu trabalho, havia uma moça de cabelos ruivos, com a qual eu estava flertando e que morava um tanto distante, porém, trabalhando na mesma rua.

Uma noite, encontrei uma carta dela debaixo da porta da oficina em que trabalhava, combinando um encontro no próximo domingo à noite, num determinado local, ao qual compareci na hora e data marcada.

Realmente, por coincidência ou não, ela apareceu no local determinado. Ao ser por mim interpelada sobre a carta, jurou não ter sido ela. Todavia, ensaiamos um namoro que pouco durou. Descobri, posteriormente, que os autores da carta foram uns malandros amigos da época e, amigos-da-onça, que provocaram toda aquela confusão.

CAPÍTULO XLIX - JANGADEIROS IMPROVISADOS

Acidente quase tragicômico marítimo.

Um casal amigo, muito chegado a nós, fez uma viagem ao Nordeste do Brasil.

Um dia, resolveram navegar em pleno mar numa jangada. Acontece que o mar, de uma hora para outra, começou a engrossar e a jangada quase soçobrou, causando um grande susto ao casal, sem maiores consequências, porém.

Ao saber do fato contado por eles mesmos, aguardei uns dias e ao reparar num cartão postal uma jangada, escrevi no verso do cartão “versinhos” adequados ao acidente e que transcrevo a seguir:

“Vai jangadeiro, vai ...
estar longe de ti, eu quero.
O susto que eu levei,
não mais se repita, eu quero.

Água eu bebi, susto eu tomei.
Quando eu vi o fundo do mar,
não segurei, me caguei.”

Poeta de Araque

Em seguida, mandei o cartão a eles pelo correio, sem me identificar, mas de nada adiantou, pois logo descobriram o autor dos “versinhos”.

CAPÍTULO L - BENIAMINO GIGLI

Gigli esteve em São Paulo no ano de 1935, no auge de sua carreira, aos quarenta e cinco anos de idade.

Após cantar na temporada lírica no Municipal, deu um concerto no Teatro Braz Polytheama, acompanhado ao piano pelo compositor Ernesto de Curtis. Ao terminar o concerto, tirou a gravata, desabotoou o colarinho e dirigiu-se ao público presente nos seguintes termos: "Adesso canto quello che volete".

Foi um delírio total na assistência, que ovacionou o consagrado tenor no final do espetáculo.

Sabem qual foi o destino do Braz Polytheama? Virou garagem. O Teatro Colombo, onde cantou Tito Schipa, Norina Grecco e teve a presença de Pietro Mascagni (regendo sua ópera "Amica") e a Companhia de Operetas da Franca Boni (representando seu imenso repertório), foi incendiado segundo "disseram as más línguas", a fim de desafogar o trânsito no Largo da Concórdia, onde estava localizado. O Teatro Santana foi demolido conforme mencionei em capítulo anterior.

A cultura do povo, com o transcorrer do tempo, decaiu bastante. Estamos numa época de inversão de valores, falsos intelectuais, que aplaudem metaleiros, roqueiros e cantores medíocres, inclusive compositores, na maioria.

CAPÍTULO LI - AMERICO JACOMINO, O CANHOTO

Abismo de Rosas! ... Abismo de Rosas! ... Era o pedido geral dos espectadores quando Americo Jacomino, o Canhoto, se apresentava nos palcos dos teatros brasileiros. Nascido a doze de fevereiro de 1889, faleceu nesta mesma cidade, a sete de setembro de 1928, com apenas trinta e nove anos de idade. Compositor e executante dos mais notáveis, aprendeu a tocar violão sem mestre, sem ter conhecimento de música. Cognominado “o canhoto” pela peculiaridade de tocar com a mão esquerda, mas sem modificar a maneira tradicional do encordoamento. Em seus recitais, utilizava-se de um violão que lhe fora ofertado por Romeu Di Giorgio em 1906, o qual, ainda hoje, é guardado pela família como autêntica relíquia. Referindo-se ao “Canhoto”, disse Romeu Di Giorgio: “Quando ele se apresentou no Teatro Municipal, quebrou um tabu, pois até então, o violão não era aceito como instrumento das elites. Nós que vivemos para o violão, por mais que façamos, não pagaremos jamais a dívida de gratidão que temos para com ele.”.

(transcrito de um jornal da Capital, cujo nome é ignorado)

CAPÍTULO LII - MORRE PARAGUASSU: O ÚLTIMO SERESTEIRO

Na despedida, muitas lembranças.

“Cerca de cem pessoas, entre elas parentes, companheiros e velhos admiradores, compareceram ontem à tarde no Cemitério da Quarta Parada. Ele faleceu na madrugada de ontem, mas já estava de cama a cerca de dois anos e meio, com câncer no fígado e no intestino. O velho artista deixa três filhas e viúva, já que seu único filho morreu há nove meses.

Dos velhos companheiros de boemia, estavam presentes: Sereno, que se define como um dos seus violonistas, parceiro de várias composições e, principalmente, um irmão da noite, das velhas serenatas que já não se vêem há muito tempo; Ariovaldo Pires, ou Capitão Furtado, como era conhecido no tempo em que tinha um programa de rádio dedicado à música sertaneja; Fernandinho, cantor de samba-de-breque, que se acompanhava batucando em um chapéu de palha, lançado no rádio por Paraguassu; Ferreti, outro artista dos velhos tempos e Lauro Garcia, representando a união dos compositores brasileiros.

Todos os presentes comentavam que, com Paraguassu, perdemos a última lembrança viva do São Paulo da Garoa, do São Paulo romântico. Ele cantou até os oitenta anos (faleceu às vésperas de completar oitenta e dois). Ganhou duas vezes na Loteria Federal e morreu sem nada. Quando ele estava bebendo, ninguém pagava e, todo mundo, tinha que beber. Mas, quando completou cinquenta anos, largou a boemia, embora não abandonasse a música em momento algum.

Uma das mágoas dos parentes e amigos de Paraguassu foi o fato de nenhum dos cantores mais jovens ter comparecido ao enterro, mesmo alguns que foram ajudados no início de sua carreira por Paraguassu, cujos nomes, a família preferiu não comentar.

Em 1927, quando só havia seis casas vendendo discos na cidade, Paraguassu conseguiu vender mais de mil discos por dia com sua música “Bem-te-vi”. Famoso por muitos lançamentos, entre eles: “Perdão, Emília”, de sua autoria e, o célebre, “Luar do Sertão”, do seu grande amigo Catulo

da Paixão Cearense. Paraguassu morreu ontem pela manhã, morador do mesmo bairro em que nasceu, o Brás e já foi sepultado no Cemitério da Quarta Parada”.

Roque Ricciardi - seu nome verdadeiro - foi o primeiro brasileiro, filho de um casal de imigrantes italianos, que nasceu no Belénzinho a 25 de maio de 1894. O nome “Paraguassu” veio bem mais tarde, por sugestão de Catulo. Mas, aos dezoito anos, ele já era “O Italianinho do Braz”, disputado como o melhor seresteiro do bairro.

Dois anos atrás, a TV Cultura realizou um documentário sobre a sua vida, quando ele completava oitenta anos. Com uma memória fantástica, Paraguassu, lembrava de cenas e curiosidades de uma época distante da nossa música, dos tempos de Zequinha de Abreu, de Mário de Andrade, e de Canhoto; da rivalidade dos bairros que queriam ter os melhores seresteiros e, até mesmo cantou, mostrando, que ainda, continuava em forma.

Este documentário será mostrado no domingo, às 21:00 horas. Ele chega a mostrar sua última gravação, “Canção de Amor”, feita aos 76 anos e, o único disco existente com a sua voz.

“Com os meus discos - ele contava - aconteceu o mesmo que com Sílvio Caldas e Francisco Alves. A “Colúmbia” vendeu todas as nossas gravações como sucata, durante a Segunda Grande Guerra”.

Ele entrou para a “Colúmbia” em 1927, depois de gravar na “Casa Édson” e de um início em 1920, na gravadora “Vito”. Na “Colúmbia” ele gravou o famoso “Bem-te-vi” e já estava com o nome novo, “Paraguassu”.

“Madalena” e “Mágoas”, novos sucessos, que tiveram acompanhamento do violonista “Canhoto” (Américo Jacomino), que conheceu na rua, também no Brás, durante uma seresta.

Esse foi um ano decisivo para o cantor. Além do sucesso, ele tornou-se muito respeitado junto aos profissionais de rádio. A tal ponto que pode lançar, na Rádio Educadora, um novo calouro chamado Francisco Alves (mais tarde, o “Rei da Voz”), que cantou “Samba de Verdade” e “Malandrinha” por um cachê de cinquenta mil réis.

Além de cantor, Paraguassu fez cinema e foi o autor principal de "Coisas Nossas", o terceiro filme nacional falado, dirigido por Luiz de Barros.

"Mas não foi só esse que eu fiz - ele lembrava. Também fui autor de "Campeões do Futebol" e "Acabaram-se os Otários", também com Luiz de Barros e, "Fazendo Fita", com Fernandinho e Januário de Oliveira.

Paraguassu ainda teve tempo para gravar seu depoimento no Museu da Imagem e do Som, também há dois anos. Contou, na época, que estava aposentado com oitocentos cruzeiros mensais, do Governo do Estado de São Paulo e sem direitos autorais.

AS MÚSICAS

Parece incrível que as gerações mais jovens conheçam tão pouco de Paraguassu. Pois ele chegou a gravar com sucesso mais de duas mil composições, incluindo "Triste Caboclo", "Rosário de Lágrima" e "Morrer de Amor".

Além disso, foi o autor de três métodos de violão, um deles vendido para a Editora Vitali por quinhentos mil réis, que até hoje continua sendo adotado por professores de música.

Simple e comunicativo, ele conheceu e trabalhou com artistas importantes, como o pianista Gaó (Odmir Amaral Gurgel), que também levava composições para as casas editoras para ver se conseguia realizar uma gravação. Paraguassu conheceu Gaó numa destas ocasiões e chegou a encomendar suas músicas para cantar, por cinco mil réis a composição.

Nos seus últimos depoimentos ele ainda contava que admirava Chico Buarque e Roberto Carlos, mas depois confessava: "bom mesmo era o tempo da seresta".

(transcrito da Folha da Tarde Ilustrada de 06/janeiro/1976, pág. 23)

CAPÍTULO LIII - AS OPERETAS

Assisti pela primeira vez uma opereta, quando tinha 12 anos, num teatro da Lapa denominado Carlos Gomes e localizado à Rua Doze de Outubro.

Fui naquele teatro, uma noite, em companhia do irmão de minha professora de violino. A opereta denominava-se “Madame de Tebes”. O meu entusiasmo foi tanto, que pedi emprestado à minha irmã uma moeda de um mil réis. No dia seguinte, fui à cidade, comprei uma partitura contendo um trecho dos mais lindos da citada opereta e comecei, imediatamente, a estudá-la. Além da parte de violino e piano, havia as de flauta, clarineta e outros instrumentos, enfim, uma pequena orquestra.

Era um tal de tocar o trecho a toda hora, tanto que levei um “pito” dos meus pais, pois a professora de violino queixou-se a eles que eu não estudava os métodos. A meu ver, eu estava certo, pois os métodos eram bem mais difíceis e desagradáveis ao ouvido, enquanto que a opereta, tinha uma música bem melodiosa, divertida e mais fácil.

Naquela época, o grande e famoso compositor Franz Lehar escreveu a opereta “A Dança das Libélulas”. Quando as partituras chegaram a São Paulo, foram disputadíssimas pelos músicos da época. Não havia gravações e nem rádio. Aparelhos de som nem em sonho. Quem sabia tocar um instrumento tinha que estudar as partituras para depois executá-las.

E assim, foi com o trecho “Les Gigolettes” da citada opereta. Nas casas, pois quase todas possuíam piano, nos salões, nos teatros e nas ruas era um coro só. A cidade inteira tocava, cantava, assobiava e dançava “Les Gigolettes”, parecia que esta opereta tinha enlouquecido a população.

Existiam em São Paulo inúmeros teatros. Além do Municipal, tinha o Santana, Cassino Antártica, São Paulo, Boa Vista, Paramount, as Salas Vermelha e Azul do Odeon, todos no centro da cidade; Colombo, Mafalda, Olympia e Brás Polytheama no Brás; São Pedro na Barra Funda; o já citado Carlos Gomes na Lapa. Existia também o São José, famoso pelas representações do teatro do canto lírico pelos mais conceituados artistas mundiais, localizado onde está hoje, o prédio da antiga Light & Power no

Vale do Anhangabaú, junto ao Viaduto do Chá.

Houve época que as companhias de operetas atuavam no Olympia, Colombo e Mafalda (no Brás) e no Santana e Cassino Antártica (no centro), simultaneamente.

Marcaram época artistas famosos como Clara Weiss, Lea Candini, Anita Orizona, Gina Bianchi, Franca Boni, Micheluzzi Innocenzi, Mário Fontana, Giordanino, Emireno Petroni, Manfredo Miselli, Salvatore Siddivó, Cesare Fronzi, Italo Bertini e muitos outros, inclusive os irmãos Celestino. O artista precisava ser completo. Saber dançar, representar e cantar.

As operetas, verdadeiros monumentos de arte, como “Viúva Alegre”, “Dança das Libélulas”, “Sonho de Valsa”, “Eva”, “Paganini”, “Princesa das Czardas”, “Madame de Tebes”, “Princesa do Circo”, “Condessa Maritza”, “Conde de Luxemburgo”, “Duqueza do Bal Tabarim”, “Scugnizza”, “Cin-ci-la”, “Si”, “La Bayadera”, “Mazurka Azul”, “Frasquita”, “Rose Marie”, “Acqua Cheta” e tantas outras, que deixaram uma imensa recordação.

As últimas companhias, que aqui vieram, foram a da Franca Boni, em 1946 e 1947, no Teatro Santana; Ernesto Rios, em 1948; e no Paramount, em 1964, uma companhia italiana. De lá para cá, nada mais aconteceu de novo no mundo das operetas. É uma pena. Os aficionados e amantes das operetas têm de se contentar com algumas gravações esporádicas, cantadas em italiano e alemão.

Finalizando este capítulo, contavam os antigos, aficionados e saudosistas das operetas, que o ator Giordanino, na “Acqua Cheta”, onde ele fazia o papel de cocheiro numa estalagem, para tornar a cena mais real ainda, levou um cavalo de verdade no palco. Acontece que o cavalo fez a cena mais real ainda, soltando as fezes no palco. Teve que usar uma pá e uma vassoura sob o delírio de risos que se apossou da platéia, a fim de limpar o assoalho do palco.

CAPÍTULO LIV - MAESTRO LEON KANIEVSKY

Durante muitos anos, exibiu-se também na cidade, uma orquestra de cordas que ficou famosa sob a competente batuta do Maestro Leon Kanievsky, que obteve grande sucesso na época. Seus elementos não eram profissionais, mas todos dedicados e competentes, que formavam uma das jóias musicais da capital do Estado de São Paulo.

CAPÍTULO LV - AS ÓPERAS E O THEATRO MVNICIPAL

O Theatro Mvncipal de São Paulo, foi inaugurado em 12 de junho de 1911, ano do meu nascimento, com a companhia italiana Titta Ruffo. Este famoso baritono era uma de suas principais figuras.

O Theatro Mvncipal representa toda a história da música lírica na cidade. Assim escreviam os jornais daquela época no dia onze de junho de 1911, logo pela manhã, os jornais anunciavam: "Por ter chegado aqui com atraso, parte do material da Companhia Titta Ruffo, a inauguração do Theatro Mvncipal foi adiada para amanhã". No dia seguinte, doze de junho, desde as primeiras horas da noite, mais de vinte mil pessoas aglomeravam-se diante do Theatro Mvncipal, fartamente iluminado, interna e externamente.

Previa-se um suntuoso espetáculo de gala. Os preços iam de 25 mil réis, para a poltrona, a 250 mil réis, para as localidades de avant-scene. Presentes à inauguração, estavam o presidente do Estado, Dr. Albuquerque Lins e, o prefeito, Barão Raimundo Duprat. O cronistas sociais escreviam com filigranas a magnitude da estréia do majestoso teatro.

O espetáculo começou com a profonia de "O Guarany", de Antônio Carlos Gomes. Em seguida, começou a temporada da companhia Titta Ruffo, trazendo no seu elenco, artistas de fama mundial. Como baritono, o notável Titta Ruffo, como tenor, Bonci, aparecendo o mezzo soprano Perini Flora, soprano Agostinelli Adelina. As assinaturas para as dez récitas, esgotaram-se em poucos dias. O repertório constava das óperas: "Hamlet", do compositor francês Ambroise Thomas, "Rigoletto", "La Boheme", "Il Barbiere di Siviglia", "Don Pasquale", "Tristão e Isolda", "Manon Lescaut", "I Pagliacci", "Madama Butterfly" e "Cavalleria Rusticana".

A ópera "Il Barbiere di Siviglia" foi o ponto alto da temporada (a ópera mais elogiada pelo talentoso e intransigente Beethoven, que se admirou ainda mais, por se tratar de um compositor, com apenas vinte e quatro anos). Na época, escrevia Félix Otero, crítico primoroso: "Titta Ruffo, no papel de Figaro, é realmente incomparável, não somente como cantor que entusiasma o espectador, mas também como ator".

(Carta de Antônio Nettuzzi enviada ao jornal "O Estado de S. Paulo" e publicada em 09/junho/1988, pág. 2)

Pelo Theatro Mvncipal passaram as maiores celebridades líricas do mundo, dentre outras: os tenores: Enrico Caruso, Beniamino Gigli, Tito Schipa, Ferruccio Tagliavini, Mario del Monaco, Galiano Masini, Giuseppe di Stefano, Bruno Landi, Giacomo Lauri Volpi, Set Ivanhoé, Artur Caron, Gianni Poggi, Gianni Raimondi; barítonos: Titta Ruffo, Tito Gobbi, Giuseppe Taddei, Gino Becchi, Enzo Mascherini, Giangiacomo Guelfi, Armando Borgioli; baixos: Shialiapin Fedor, Salvatore Baccaloni, Ezio Pinza, Giacomo Vaghi, Italo Tajo, Nicola Rossi Lemeni e o nosso Pinheiro; sopranos: Claudia Muzio (“a divina”, como era chamada), Bidu Sayão, Gabriela Besanzoni Lage (“a insuperável Carmen”), Antonietta Stella, Totti dal Monte, Virginia Zeani, Maria Callas, Renata Tebaldi, Lily Pons, Lucrezia Boris e Amelita Galli Curci.

Maestros famosos, entre outros: Franco Ghione, Tulio Serafin, Arturo de Angelis, Edoardo de Guarnieri, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e, uma infinidade de outros, que deslumbraram os aficionados do mundo lírico paulistano, durante quase um século.

Há de se falar, também, dos cantores nacionais, muitos deles integrando, ainda hoje, os corais do nosso Mvncipal. Dos que me lembro, Américo Basso, Élio Ansaldo, José Perrota, Paulo Fortes, Manrico Patassini, Bruno Lazzarini, Assis Pacheco, Mário Di Lorenzo, Agnes Ayres, Nilza de Castro Tank e Santina Quadrini Lenzi.

Orquestras excelentes onde pontificaram músicos como Ernesto Trepiccione, Enzo Soli, Frederico Capella, Calixto Corazza, Gino Alfonsi, Francesco Pezzella, Edmundo Blois, Clemente Capella, Libero Vignoli e muitos outros, sendo impossível enumerar a todos. A eles rendo as minhas homenagens pela contribuição que deram à arte musical, embora sempre mal remunerados.

Em 1942, exibiu-se a orquestra da NBC, sob a regência do lendário maestro Arturo Toscanini em dois concertos no Theatro Mvncipal.

No cinquentenário da morte do grande tenor Enrico Caruso, foram prestadas várias homenagens, ou seja, conferências, missas, bem como, no centenário de seu nascimento. Como viveu apenas 48 anos, as duas comemorações foram muito próximas uma da outra.

Ao fazer estes comentários sobre as atividades do nosso principal teatro, desejo lembrar as três óperas representadas em 1968 ou 1969, quan-

do aqui esteve a Companhia do Theatro San Carlo di Napoli, apresentando as óperas “Nabucco”, “Othello” e “Gioconda”, temporada grandiosa em todos os sentidos.

A segunda reforma, agora no ano de 1988, teve mais cunho político, como em tudo se costuma fazer em nosso país. Entretanto, o programa inaugural, foi de bom nível.

O Theatro Municipal é ópera e mais ópera, como em todos os principais teatros do mundo.

O próprio nome dele significa ópera como La Scala di Milano, o Ópera de Paris, o Ópera de Viena, o Covent Garden of London, o Metropolitan of New York, o próprio Municipal do Rio de Janeiro, onde se cuida da Ópera com todo o esmero, o Colon de Buenos Aires e outros.

Aqui, não. Faz-se uma reinauguração mais de cunho político, repito, ao invés de reinaugurá-lo com óperas bem populares, entre elas: “Carmen”, “La Traviata”, “Aida”, “Cavalleria Rusticana” e “I Pagliacci”, com artistas de renome internacional.

A repercussão seria imensa, não só no Brasil, como também no exterior. No século passado, a ópera era considerada quase que uma música popular; será que algum dos organizadores do espetáculo não leu a história dos grandes compositores para comprovar o que estou dizendo? Canto e música são coisas muito sérias e para se chegar a uma perfeição, são necessários anos e anos de estudo.

Atualmente, estamos paupérrimos em temporadas líricas. Basta dizer que pouquíssimas óperas foram levadas ao palco em 1990, quase nenhuma sequer. Também, com este nível cultural, nada podemos esperar.

O “Rigoletto” de Verdi foi baseado no livro de Victor Hugo, “Le Roi s’Amuse”. Por motivos políticos, a censura austríaca levou muito tempo para liberar a ópera. O próprio Victor Hugo, ao assistir a ópera em apreço, depois de ouvir o quarteto do último ato, assim se expressou: “Tomara eu pudesse escrever um trecho de meus livros a quatro vezes como acabei de ouvir agora” (comentário reproduzido pela “Folha de S. Paulo” há tempos atrás).

Finalizando, desejo também recordar a felicidade e ventura que tive ao ouvir o grande baritone, já mencionado no início deste capítulo, o famoso Titta Ruffo, cantando no campo do Palestra Italia, no ano de 1924, uns trechos da ópera “Aída” de Verdi, na companhia de meu saudoso pai.

CAPÍTULO LVI - MÚSICA POPULAR

Como disse no capítulo anterior, a ópera era considerada quase uma música popular. Os tempos mudaram! Criou-se um novo gênero de música popular com Ary Barroso, Ernesto Nazaré, Patápio Silva, Noel Rosa, Catulo da Paixão Cearense, Lupicínio Rodrigues, Ataulpho Alves, Mário Lago e Pixinguinha. Até os dias de hoje, se compôs uma enorme quantidade de canções no gênero. Com uma única diferença, porém, antigamente escrevia-se música popular de verdade. Hoje, as músicas são compostas para as gravadoras de discos venderem à vontade e, as composições, quase sempre, caem logo, no esquecimento. A maioria dos compositores querem ser cantores e instrumentistas ao mesmo tempo. Se a canção é boa, perde na execução. Os grandes compositores do passado, principalmente na música carnavalesca, nunca cantaram as suas músicas, a não ser Chico Alves, que as transformava em verdadeiros monumentos. Este fato também acontecia com os grandes cantores da época, cujas canções fazem sucesso até hoje, decorridos cinquenta anos e, sobrepõem-se às composições atuais.

Carnaval após carnaval, ainda nas vozes gravadas de Chico Alves, Carlos Galhardo e Orlando Silva (que foi insuperável na "Jardineira"), das irmãs Batista, Ângela Maria, Isaurinha Garcia, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Elizeth Cardoso (a divina) e muitos outros inesquecíveis.

Pasmem só: o conhecimento musical dos compositores do passado era tão grande, que se permitiu fazer paródias de óperas como: "Ridi Palhaço" (da ópera "I Pagliacci"), "Dama das Camélias" (de "La Traviata"), "Barbeiro de Sevilha", "Carnaval de Veneza" e muitas outras. Lamartine Babo é produtor de um disco chamado "As Operetas Voltaram", nas vozes de grandes cantores também do passado.

A minha homenagem ao grande Zequinha de Abreu, autor, entre outras, de "Tico-tico no Fubá", que através do filme "Escola de Sereias", onde pontificaram Esther Williams e Carlo Ramirez, ficou conhecida no mundo inteiro.

Houve também um cantor de voz exuberante, Vicente Celestino, autor de suas próprias músicas, que fizeram um estrondoso sucesso.

Finalizando, não poderia deixar de citar Adoniran Barbosa (Giovanni Rubinato), nas suas famosas composições "Tiro ao Alvaro", "Saudosa Maloca", "Samba do Arnesto", "Iracema" e "Trem das Onze", interpretadas pelos Demônios da Garôa e, muitas outras, todas elas escritas numa mesa de botequim do Bixiga. Ficou famosa também aquela sua participação na propaganda da Cerveja Antártica: "Nós viemos aqui para beber ou para conversar", gravada para a televisão.

CAPÍTULO LVII - COMPANHIA DE REVISTAS

Inúmeras foram as grandes companhias de revistas nacionais nos teatros Santana, Cassino Antártica, Boa Vista, Brasileiro de Alumínio, Odeon - Sala Azul e Vermelha.

Entre as mais famosas companhias havia a de Walter Pinto, trazendo no elenco: Virgínia Lane, Grande Otelo e as Irmãs Pagã. Oscarito, Beatriz Costa, Walter D'Ávila, Otello Zelloni, a impagável Dercy Gonçalves, Margarida Max, Siwa e Marly Marley. Todos eles trabalhavam em outros grupos teatrais e divertiam a valer, a excelente platéia paulistana, que frequentava os teatros nacionais, numa época já um tanto distante. De todos, a única artista que ainda está na ativa é Dercy Gonçalves.

Entretanto, falta ainda falar nas sátiras políticas com Zelloni imitando Juscelino; Pedro Dias, o Adhemar; Golias, o Jânio; e Oscarito, o Getúlio. Faziam o público delirar.

Tínhamos, há pouco tempo, o programa na televisão "Agildo no País das Maravilhas", com mais recursos, utilizando bonecos e com a imitação perfeita das vozes. Agildo fazia uma apresentação bastante divertida sobre os políticos de hoje.

Muito teria que escrever ainda sobre os assuntos aqui ventilados, porém, convém não esquecer os atores de teatro, onde pontificaram entre muitos: Leopoldo Froes, Jayme Costa, Rodolfo Mayer, Procópio Ferreira, Sérgio Cardoso, Paulo Autran, Manuel Durães, Walmor Chagas, Paulo Gracindo, Conchita, Dulcina e Edith Moraes, Tônia Carreiro, Eva Wilma, Maria Della Costa, Fernanda Montenegro, Cacilda Becker, Cleide Yáconis. Alguns deles ainda em atividade, tanto no teatro, como na TV.

CAPÍTULO LVIII - FORD DE BIGODE

Os primeiros automóveis Ford, que apareceram na praça, tinham duas alavancas atrás do volante, uma em cada lado, motivo pelo qual foram apelidados de Ford de Bigode.

A minha família possuiu um deles lá pelo ano de 1925. Não tinha nem partida, nem motor de arranque. Na frente do radiador havia uma manivela, impulsionada à mão, para dar partida no motor.

Numa tarde estava, com um tio, tentando ligar o motor, que custava a pegar. Repentinamente, o motor começou a funcionar e o carro avançou sobre nós, pois estávamos na frente dele. Imediatamente, pusemos as mãos na frente do radiador para frear o automóvel, que estremeceu todo ao “afogar” o motor. Após o susto, demos gostosas gargalhadas pelo acontecido, pois tínhamos deixado a marcha “engatada”. Perceberam a “barbeiragem”!

CAPÍTULO LIX - BATINA DO PADRE

Era sócio de uma associação que tinha, em separado, uma sessão de pessoas da terceira idade. Ao aproximar-se o mês de junho e, conseqüentemente, as festas juninas, planejamos dançar a quadrilha no dia de São João, inclusive com o costumeiro casamento. Faltava a batina que eu iria vestir durante a cerimônia. Então, conseguimos uma batina emprestada de um padre da igreja. Entretanto, ao vesti-la, percebemos que era comprida demais. Fizemos então uma barra para encurtá-la, a fim de que fosse ajustada para mim. Passada a festa, devolvemos a batina na igreja sem desmanchar a barra.

Acontece que, dias depois, o Papa João Paulo II, visitou a nossa cidade e os padres daquela paróquia foram todos à recepção do Santo Pontífice, inclusive o dono da batina, que não percebendo a nossa “mancada”, foi junto com os demais acolher o Santo Padre.

Os outros padres, percebendo o acontecido, disseram a ele: “Você cresceu demais, ou a batina encolheu?” A gozação foi demais. Como nunca mais encontrei o padre, não sei o que ele pensou de mim. Coisa boa não pode ter sido.

CAPÍTULO LX - PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS

“O prédio do Palácio das Indústrias foi palco de exposições artísticas e das primeiras exposições agro-industriais do Estado. A partir de 1923, por exemplo, abrigou os primeiros “Salões do Automóvel” da cidade, revividos depois, por Caio de Alcântara Machado no Ibirapuera e no Anhembi. Em 1924, na segunda Exposição de Automobilismo e Rodoviação, a Ford chegou a instalar uma linha de montagem nos salões do Palácio.

A construção do prédio foi iniciada em 1911 e terminada oficialmente em 1924. Desde 1910, porém, o prédio era utilizado por escultores favorecidos pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, titular do escritório que construiu a obra. Victor Brecheret, Nicola Rollo, Henry Van Emelen, Rigoletto Mattei e Oreste Mantovani produziram muitas esculturas, hoje presentes na cidade, dentro dos salões do Palácio. A peça mais conhecida é a maquete do “Monumento às Bandeiras” de Brecheret.

O projeto do Palácio das Indústrias é do italiano Domiziano Rossi, arquiteto contratado e, posteriormente, sócio de Ramos de Azevedo. O Palácio da Justiça e o prédio do Liceu de Artes e Ofícios (hoje ocupados pela Pinacoteca do Estado e pela Faculdade de Belas Artes), são também da autoria dos mesmos arquitetos.

As esculturas que ornamentam os prédios são de Nicola Rollo. Grande parte da decoração interna e externa dos prédios foram executada nas oficinas do Liceu de Artes e Ofícios”.

(Transcrição da “Folha de S. Paulo” de 05/maio/1989 - Caderno Cidades, página C-1.)

CAPÍTULO LXI - OS VITRAIS

“ Igrejas, prédios públicos e sedes de instituições privadas da cidade envolvem os visitantes na magia da milenar arte dos vitrais. Vale a pena enfrentar trânsito, lixo e barulho na zona cerealista da cidade (entre a avenida do Estado e o Canindé) para descobrir o Mercado Central. Cinco vitrais muito bem conservados estão ali. Eles contam a história da agricultura paulista, do período anterior à mecanização do campo. Construídas entre 1928 e 1933, as obras são de Conrado Sorgenitch, o maior vitralista brasileiro vivo.

Hoje, com 87 anos e cerca de 600 peças instaladas em 300 igrejas do País, Sorgenitch também é autor dos vitrais do Palácio do Tribunal de Justiça (ao lado da Catedral da Sé), do prédio da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, do grande painel do saguão da FAAP e, de alguns dos “vitraux” do Theatro Mvncipal (onde também há peças alemãs, de Stuttgart).

As janelas, portais, bilheterias e Salão Nobre do Theatro Mvncipal são cobertos por vinte e cinco vitrais, onde predominam motivos de flores. No Largo São Francisco, os 25 vitrais tem temas históricos. No palácio da Justiça, o direito inspirou o artista: além das figuras clássicas que ornamentam os salões da Plenária e do Tribunal do Júri, flores discretas iluminam tetos e paredes das amplas escadarias.

No grande painel do saguão da FAAP, com 24 metros de largura, por 9 metros de altura, Sorgenitch fez a luz immortalizar a obra de 57 artistas plásticos brasileiros. Tarsila do Amaral, Tomie Othake, Ademir Martins, Ionaldo Cavalcanti, Djanira e Darcy Penteado são alguns dos nomes, cujas telas, foram reproduzidas em quadrados de um metro, compondo uma das mais belas homenagens à pintura nacional e ao próprio vitral como expressão artística.

Para quem preferir os vitrais no espaço, onde eles se consagraram universais, aí estão a catedral da Sé, o Mosteiro de São Bento, as igrejas de São Judas, Santa Cecília e a Catedral Metropolitana Ortodoxa, para confirmar todo o seu poder de envolvimento. Na Sé há 30 obras de vitralistas italianos e franceses”.

(Transcrição do Shopping News de 23/fevereiro/1992, Pág. 8)

CAPÍTULO XLII - MONTEVERDI

“O primeiro gênio lírico - a Itália comemora os 350 anos da morte do compositor Claudio Monteverdi”.

O compositor italiano Claudio Monteverdi (1567-1643), o primeiro grande gênio da ópera, é motivo de uma vasta comemoração na Itália. Com a abertura do Ano Monteverdi, festejam-se os 350 anos da morte do músico, que transformou esse tipo de composição, em genero independente. É o momento de reverenciar a portentosa obra desse pioneiro e desfazer certos equívocos, como o cometido pelo crítico Otto Maria Carpeaux. Em seu livro “Uma Nova História da Música”, o crítico considerava que os madrigais de Monteverdi, só tinham interesse como “objetos para estudos históricos”. Enganava-se Carpeaux. Naquela mesma época, iniciava-se também uma reavaliação do trabalho do italiano, que culmina agora. As festividades do Ano Monteverdi se iniciaram na quinta-feira, 14, em Bolonha, no Centro-Norte da Bota, com uma montagem de *A coroação de Popéia*, dirigida pelo inglês Graham Vick, uma jovem revelação. E vão continuar em Ferrara, Mântua, Vincenza e Veneza - lugares associados a grandes etapas na carreira do compositor nascido em Cremona, próxima de Milão. As comemorações só terminarão em 29 de novembro, o dia de 1643 em que ele morreu, aos 76 anos.

Monteverdi escreveu nove estupendos livros de madrigais e, na condição de mestre-de-capela na catedral de São Marcos, em Veneza, produziu uma quantidade de prodigiosa música litúrgica.

Embora três de suas 13 óperas tenham sobrevivido - a primeira, *Orfeu* (1607) e, as duas últimas, *O retorno de Ulisses à pátria* e *A coroação de Popéia* (1642) - é ao domínio do *dramma per musica* que ele deu sua contribuição mais original e revolucionária. A ópera era uma menininha de dez anos de idade (a primeira de todas, a *Dafne* de Peri e Rinuccini, tinha sido encenada em Florença, em 1597), quando Monteverdi escreveu *Orfeu* para a corte do duque de Mântua. A forma como tratou o modelo dramático, proposto pelos criadores florantinos do genero, demonstra a enorme liberdade criativa de que sempre deu provas. Essa habilidade atrairia a ira de conservadores, como o abade Giovanni Maria Artusi, um teórico bolonhês, que se envolveu em ardorosa polêmica contra o *stile moderno* que ele representava.

À austera declamação proposta por Peri em Dafne, Monteverdi responde com uma linha vocal extremamente variada, de acordo com as necessidades de expressão da personagem-título, que desce ao inferno para resgatar da morte sua esposa. E, para sublinhar a intensidade dessas emoções, usa uma orquestra, gigantesca para a época, de 37 instrumentos. Ele se revela um refinado pintor da alma humana, num grau que, dentro da Itália, só será igualado por Giuseppe Verdi (1813-1901). Esse humanismo fundamental pode ser percebido na resposta que deu a Alessandro Striggio, o libretista de Orfeu, quando este lhe propôs que musicasse uma “fábula marítima”, cujas personagens eram zéfiros, tritões e ninfas oceânicas. “Como quer o senhor que eu escreva música para ventos?”, ele perguntou, ao justificar porque o texto não lhe inspirava. “Orfeu nos comovia porque era um homem de verdade. E Arianna, porque era uma mulher real.” Monteverdi se referia à personagem-título de sua segunda ópera, de 1608. Da partitura desaparecida, conservou-se apenas um lamento, intimamente relacionado com o sofrimento do próprio Monteverdi: naquele ano, ele perdeu, prematuramente, sua esposa Claudia Cattaneo, morta após prolongada doença.

O desaparecimento da maioria de suas obras impede que se acompanhe a evolução que vai de Orfeu, escrita na fase em que a ópera ainda se fechava em ambientes cortesãos, à suprema maturidade de *A coroação de Popéia*, quando ela já se tornara um espetáculo aberto ao grande público. A lacuna não permite que se detecte, de uma peça para a outra, o processo gradual de libertação da criatividade de que resulta em algo tão difícil de classificar quanto o madrigal cênico *O combate de Tancredo e Clorinda*, composto em Veneza em 1624. Baseado num episódio do poema épico *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso, a obra não se encaixa em nenhum dos gêneros conhecidos na época: é uma estrutura narrativa inteiramente livre, em que declamação, canto, música e dança se conjugam de uma forma que só encontraria paralelo na *História do soldado* (1918) de Igor Stravinski. A música de Claudio Monteverdi surpreende - ao contrário do que pensava Carpeaux - por sua absoluta atualidade.”

(Transcrição da Revista Isto É de 27/janeiro/1993, pág.59)

CAPÍTULO LXIII - ARTESÃO DE VIOLINOS

“Cremona festeja artesão de violinos”

Cremona, Itália - Concertos, seminários, um filme estrelado por Anthony Quinn e uma exposição de cerca de 40 dos violinos por ele fabricados marcam nesta cidade italiana o 250º aniversário de morte de um de seus mais ilustres filhos, Antonio Stradivari, que juntamente com Andrea, Niccoló Amati e Giuseppe Guarneri, elevou a luteria a níveis nunca superados.

Não se conhece o número exato, mas estima-se que Stradivari produziu cerca de 1.100 violinos, durante uma longa carreira, que deu seus melhores frutos entre seus 65 e 80 anos de idade. Os instrumentos dessa fase são hoje vendidos - quando alguém se resigna a desfazer-se de um deles - por mais de 1 milhão e 500 mil dólares. Mas, seu legado mais importante, são meia dúzia de moldes para diferentes modelos, preservados no museu Stradivari de Cremona e, ainda hoje, utilizados para a fabricação de violas e violinos.

Entre os mais de 100 luthiers que trabalham nos 80 ateliers de Cremona, Franco Bissolotti de 58 anos, é considerado, em toda a Itália, o herdeiro do mestre setecentista. Tendo fabricado seu primeiro violino aos 16 anos, ele desmente o mito de que Stradivari tenha levado para o túmulo o segredo responsável pela excepcional qualidade tímbrica de seus instrumentos de cordas: “Ele não tinha segredos técnicos, era simplesmente um gênio”, afirma.

Bissolotti garante que se houvesse algum segredo, Stradivari teria passado aos seus 11 filhos, que levaram adiante seus trabalhos, embora sem o mesmo talento. O próprio Bissolotti segue o método artesanal de Stradivari com minuciosa precisão, utilizando como madeiras, o abeto e o ácer, resinas naturais e vernizes, sem produtos químicos, num trabalho de amor que soma, pelo menos, 200 horas para concluir um único instrumento. Solistas como Salvatore Accardo e Uto Ughi estão entre os que, mesmo já possuindo um Stradivarius, esperam dois anos para conseguir um Bissolotti.

Accardo, Pinchas Zukerman, Anne Sophie Mutter, Cho Liang Lin e Yo Yo Ma, estão entre os que tocaram instrumentos Stradivari, numa série de apresentações de quartetos de cordas e concertos para violino que se

estenderá, em Cremona, de maio até o fim do ano. O clímax das comemorações - que também chegarão a Washington, Paris, Londres, Nova Iorque, Frankfurt e outras cidades européias - será o concerto de Uto Ughi com a Filarmônica de Stuttgart no dia 18 de dezembro, data da morte de Stradivari.

Mas, para Sergio Renzi, diretor da Escola Internacional de Luteria de Cremona, os projetos mais importantes do aniversário são os que olham para o futuro. "Para nós, a tradição cremonesa de fabricação de instrumentos de cordas é indispensável, mas deve ser encarada como um ponto de partida e não de chegada, pois nos arriscaríamos, do contrário, a copiar Stradivari e copiá-lo mal", diz Renzi. A escola financiada pelo Estado, foi fundada em 1937 e, todo ano recebe mais de 300 candidaturas para as 35 vagas de seu curso de quatro anos de duração. Sua maior ambição, que deverá ser concretizada agora, é a instalação de um centro de restauração de instrumentos de cordas."

(Transcrito de um jornal desconhecido)

CAPÍTULO LXIV - TITO SCHIPA

Tito Schipa foi um tenor incomparável com uma potência de voz regular, fazia dela o que queria, pois possuía uma técnica perfeita.

Nos duetos, principalmente com sopranos, foi talvez um dos melhores que existiam no genero.

Com Totti dal Monte, Lucrezia Bori, Amelita Galli Curzi e outras, estes cantores causavam delírio, tal era a afinação e perfeição.

Um crítico do jornal "O Estado de S. Paulo" escreveu, após um seu concerto, que ele era um tenor de voz aveludada.

Tive o privilégio de assistir um "Barbeiro de Sevilha" memorável, em 1941, no nosso Theatro Mvncipal, quando ele dispensou a orquestra e acompanhou-se numa das árias com o seu violão.

Ouvi, naquela ocasião, um dos presentes ao teatro dizer que há muitos anos que não se ouvia um "Barbeiro de Sevilha" tão perfeito. Completaram o elenco: Maria de Sá Earp, soprano; Armando Borgioli, baritono; Giácomo Vaghi e José Perrota, baixos.

Nas canções napolitanas, "Schipa" foi também imcomparável. Além de ter nascido no Sul da Itália, tinha uma pronúncia perfeita, que aliada à sua voz, o tornava um cantor ideal no genero.

As óperas "Don Pasquale", "Elisir d'Amore", "Werther", "Manon" e outras do genero pareciam terem sido escritas para ele.

Como compositor, escreveu uma "Ave Maria" admirável. Pena que as gravações naquele tempo não eram tão perfeitas quanto hoje.

Tive a felicidade também de ouvi-lo em vários concertos no cine Piratininga, no Brás, no Municipal e no Teatro da Sociedade de Cultura Artística, todos sem microfone.

Além do "Barbeiro de Sevilha", assisti com ele e Norina Grecco, a ópera "La Traviata".

No cinema, trabalhou no filme “Vivere” e noutro sobre a vida de Gaetano Donizetti, com o famoso artista do cinema italiano Amedeo Nazzari, que interpretou o personagem daquele compositor.

Enfim, um artista completo no genero, na verdadeira extensão da palavra.

CAPÍTULO LXV - FRITZ JANK

São Paulo foi visitada por grandes cantores de todo o mundo, inclusive instrumentistas de grande valor que aqui vieram para se exhibir.

Na maioria das vezes, não traziam acompanhantes, salvo raríssimas ocasiões. Nesse caso, eram acompanhados ao piano por elementos nacionais ou estrangeiros aqui radicados.

Houve um pianista e professor de grande valor, Fritz Jank, que na maioria das vezes, acompanhava famosos cantores de ambos os sexos, violinistas ou outros instrumentistas, Fazia-o com tal perfeição e esmero, que marcou época na cidade.

Executou, por muitos anos seguidos, o “Ciclo das Sonatas para Piano” de Beethoven.

Enfim, mais um grande artista que engrandeceu o mundo cultural da cidade.

CAPÍTULO LXVI - DIRIGÍVEL HINDENBURG

Num belo dia, a cidade ficou assustada, ou melhor dizendo, estupefata, admirada com o que se deparou nos céus de São Paulo: Um dirigível sobrevoando a capital. Não me lembro suas dimensões, só sei que era enorme, vinha da Europa, trazendo passageiros e, voava a uma altura, que dava para vê-lo nitidamente.

Impressionante o seu tamanho, repito, deixando boquiaberta toda a população. O espetáculo, que se deparava nos céus de São Paulo na década de trinta, era inacreditável.

Infelizmente, ao aterrissar no aeroporto de Akron, numa viagem que fez aos Estados Unidos, incendiou-se, ficando destruído completamente.

Foi uma perda irreparável, pois o dirigível estava usando o gás hidrogênio, altamente inflamável, ao invés do gás hélio, posteriormente utilizado nos Estados Unidos.

CAPÍTULO LXVII - PIONEIROS DA AVIAÇÃO COMERCIAL EM SÃO PAULO

Na década de vinte, quando a aviação ainda engatinhava, marcaram época Edu Chaves, os irmãos Robba, Tereza di Marzo (em São Paulo) e Anésia Pinheiro Machado (no Rio de Janeiro) e outros.

Os aviadores, como eram chamados naquele tempo, saltavam de pára-quedas, andando sobre a asa inferior do aeroplano, segurando-se nos tirantes que ligavam as asas ao corpo da aeronave.

Posteriormente, Ada Rogato sobrevoou a Cordilheira dos Andes num avião mais moderno, tornando-se famosa na época.

CAPÍTULO LXVIII - CASA DE PENHORES

Existiam em São Paulo um sem-número de casas de penhores e uma delas, especializada, também, na compra de ouro, localizava-se no Largo do Tesouro.

As pessoas, que se dirigiam a esta última, eram atendidas por um funcionário que, ao receber as jóias de ouro, examinava-as com aparelhos apropriados, quando não as limava para ver se eram de ouro maciço ou apenas folheadas.

Imaginem a quantidade da limalha de ouro que se acumulava no decorrer do dia pois, se faziam ou não, o negócio, o ouro em pó que ficava depositado na mesa já era um lucro considerável.

CAPÍTULO LXIX - AS IRMÃS MINELLI

Meus avós maternos chamavam-se Giovanni Minelli e Maria Regina Pin Minelli, ambos nascidos na Itália. Casaram-se em 1884 em Ribeirão Preto, neste Estado. Dessa união nasceram sete filhos: seis do sexo feminino e um do sexo masculino. Pela ordem de nascimento: Annunziata, minha mãe e minhas tias: Maria, Linda, Virgínia, Carolina e Amália. O único varão e caçula, foi André Antônio.

Que eu saiba, nasceu um outro do sexo masculino, que morreu na Itália, quando lá estiveram pela última vez.

Meu nonno foi administrador da fazenda de propriedade do Dr. Henrique Dumont, pai de Alberto Santos Dumont. A fazenda possuía cinco milhões de pés de café, tanto que lá foi construída uma estrada de ferro para suprir a necessidade no transporte das colheitas.

Minha mãe e tia Maria viajaram para a Itália, onde estudaram. De volta ao Brasil, meus avós resolveram retornar à Itália com toda a família, estabelecendo-se como proprietários de um hotel na cidade de Treviglio, na Lombardia.

Os acontecimentos e negócios dos familiares que aqui ficaram obrigaram-lhes a retornar ao Brasil. Após a chegada ao Brasil, a família foi então morar na cidade de Jundiá. Nesta cidade, trabalharam na Tecelagem São Bento. Posteriormente, mudaram-se para São Paulo e, foram trabalhar na Tecelagem Mariangela do Grupo Matarazzo.

Minha mãe e tias participaram de todas as greves, reivindicando melhores salários e condições de trabalho, pois todas tinham idéias “anarquistas”, o que era muito comum naquela época.

Eu fui muito paparicado, desde o meu nascimento, pois todos tinham “loucura” por mim. Fui muito querido e paparicado, repito, fato que me deixou por demais envaidecido e por toda minha vida procurei retribuir todo este amor e carinho.

A última tia a morrer foi Virgínia, que faleceu em 1983, com 91 anos de idade.

A propósito, há pouco tempo, num jornal da capital, li a seguinte notícia: “dívidas levam casarão de Santos Dumont à penhora. O palácio de 23 comodors, onde Santos Dumont viveu sua infância, na região de Ribeirão Preto, está sendo penhorado. Célia e Valter Lorenzato, casal que cuida do casarão, está mergulhado em dívidas provocadas pela crise na agricultura. Falidos, esperam o tombamento da sede da Fazenda Arindiuva, erguida a partir de 1850 por Henrique Dumont, pai de Alberto, para administrar a maior plantação de café do mundo”.

C

CAPÍTULO LXX - RÁDIO GAZETA

A PRA6 Rádio Gazeta sucedeu a Rádio Educadora Paulista, primeira emissora da Capital.

No mundo cultural, marcou época como uma das melhores no genero.

Possuía uma orquestra sinfônica formada por professores, dirigida por maestros de renome, entre os quais: Edoardo Guarnieri e Armando Belardi.

Aos sábados, tinha o famoso programa denominado "Cortina Lírica, alí cantavam também, no Theatro Mvncipal de São Paulo. Entre os cantores podemos citar: Nilza de Castro Tank, Santina Quadrini Lenzi, Bruno Lazzarim, Patassini, Constanzo Masciti e Constantina Araújo. Esta última, posteriormente, cantou também no Covent Garden de Londres, Scala de Milão, Arena de Verona e Ópera de Paris.

Possuía, também, uma orquestra de música popular, regida pelo Maestro Antônio Sergi (Totó).

Tinha como locutor nos seus principais programas o Dr. Walter Seneviva, advogado, que dava grande realce nas suas apresentações, historiando com grande sabedoria o que ia ser irradiado.

Nenhuma rede de televisão e de rádio do país possui, hoje, um nível cultural como a Rádio Gazeta no passado. O maestro Armando Belardi gravou em discos a ópera "O Guarani" com orquestra e elementos nacionais, levando até a Itália a sua companhia e, a principal ópera do nosso compositor Antônio Carlos Gomes, tendo obtido grande sucesso.

Por ocasião da morte do maestro Armando Belardi, nenhum jornal da capital noticiou o fato. Foi uma injustiça ignorar a obra deste batalhador da música erudita que, muito contribuiu para elevar o nível cultural na nossa capital.

Finalizando as considerações sobre a Rádio Gazeta, diariamente, às

12:00 horas, era apresentada a mensagem musical da Itália, com gravações dos melhores cantores da época.

Enfim, uma grande emissora que existiu no passado e que deixou uma grande saudade.

CAPÍTULO LXXI - GASOGÊNIO

Durante a Segunda Guerra Mundial, o nosso governo determinou o racionamento de gasolina.

A fabricação do aparelho de gasogênio foi uma febre que atacou a nossa indústria em geral. Os tipos de gasogênios eram dos mais variados, alguns dos quais, de forma bem extravagante.

O gasogênio era instalado na parte externa da traseira do automóvel, onde era jogado o novo combustível, ou seja, carvão granulado, que quando aceso, impulsionava o motor do veículo. A coisa ia bem no plano e nas ruas em descida mas, quando era para subir ladeiras, era necessário o auxílio da gasolina. Só autos de aluguel e auto-caminhões podiam trafegar com gasolina.

Contava-se até um fato divertido a respeito. Um guarda parou um carro advertindo o seu motorista que o veículo trafegava com o uso da gasolina. Surpreso, o motorista respondeu se ele, o guarda, tinha observado o aparelho de gasogênio na parte traseira do veículo. O guarda, então, retrucou-lhe: "O Sr. me desculpe, mas o seu gasogênio caiu a uns cem metros atrás" - "Se no è vero, è bene trovato".

Às vezes, o motor do carro parava, como aconteceu comigo em plena Praça da Sé. Precisei contar com o auxílio dos guardas de trânsito. Fiquei em pânico e os demais passageiros se divertiram às minhas custas.

CAPÍTULO LXXII - TEATRO COLOMBO

O Teatro Colombo, situado no Largo da Concórdia, no Brás. A sua construção ocorreu em meados do século passado. O nome do teatro foi uma homenagem ao famoso navegador genovês.

Lá foi realizado de tudo em termos teatrais: teatro em prosa, canto lírico e popular, operetas, dramas, comédias, companhias de revista, teatro rebolado, bailes de carnaval e até cinema.

Para se ter uma idéia da sua grandiosidade, lá esteve o compositor italiano Pietro Mascagni regendo sua ópera "Amica". Para lembrar este acontecimento, foi instalada uma placa comemorativa numa das paredes da parte interna do teatro. Lá cantou o célebre cantor italiano Tito Schipa com Norina Grecco, que era uma soprano de renome. A Companhia de operetas trouxe Franca Boni, fazendo o maior sucesso com a opereta "Duquesa do Bal Tabarin" do compositor Lombardo. Posteriormente, outra opereta "Boccaccio", com Cesare Fronzi (pai de Renata Fronzi), Salvatore Siddivó, Emireno Petroni, Clara Weiss e outros. Companhias de Revista com Vicente Celestino, Sebastião Arruda, Alda Garrido e outros. Apresentou-se também a Companhia de Canções Napolitanas Mafalda Carta.

O consagrado cantor nordestino Luís Gonzaga lá cantou com estrondoso sucesso. O mágico Chang apresentou números de magia, também com grande sucesso.

Mas a Companhia que mais lá representou foi a do Nino Nello, que teve cadeira cativa naquele teatro, principalmente com a peça: "Um casamento na Rua Caetano Pinto". Durante anos e anos, divertiu a população daquele laborioso e antigo bairro do Brás. Infelizmente, o teatro teve um fim inglório, com um incêndio ocorrido em meados do ano de 1966.

Ao contrário dos grandes e principais teatros do mundo, destruídos por incêndio, nada foi feito para reconstruí-lo. O Scala de Milano com mais de duzentos anos de existência, também incendiou-se e foi reconstruído.

Para ter uma idéia do descaso das nossas autoridades, o segundo

maior teatro de São Paulo, o Sant'Anna, foi também demolido. Nada foi feito para tombá-lo.

E assim, conta-se a história de um grande teatro, que hoje, continua completamente esquecido, pois o brasileiro tem memória curta e nenhuma tradição.

CAPÍTULO LXXIII - SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SÃO PAULO

Na década de 30, uma nossa prima de, aproximadamente, 10 anos de idade, foi atropelada por um auto-caminhão e teve as pernas fraturadas, além de outras escoriações generalizadas pelo corpo todo. Mas o mais grave foram as fraturas.

Minha mãe, como de costume, era solicitada nestas ocasiões. Prestimosa como sempre, conseguiu internar a menina no pavilhão Fernandinho da Santa Casa, fazendo lá valiosas amizades com as freiras.

Após longo tratamento, minha prima voltou a andar novamente.

Ia ser realizada no Pavilhão Fernandinho uma festa para todos os doentes lá internados. Depois de tudo providenciado para os festejos, ficou faltando apenas a música.

Como não existiam aparelhos de som nesta época, resolvemos oferecer a presença da nossa orquestra, a fim de abrilhantar o acontecimento. As freiras ficaram eufóricas com a oferta.

Realmente foi uma festa magnífica, que alegrou todo mundo, principalmente os doentes e, especialmente, as crianças, na sua maioria carentes de quase tudo em suas casas e que nunca tinham participado de um acontecimento daqueles.

Não será preciso dizer que o ponto alto da festa, foi a participação da nossa orquestra. As freiras ficaram eternamente agradecidas e nós, como não poderia deixar de ser, muito felizes pela nossa cooperação em tão valiosa manifestação de fraternidade.

Como não havia piano no pavilhão da Santa Casa, levamos um "harmonium" que tínhamos em casa e, que foi do meu avô paterno, para substituir o piano e que fez grande sucesso.

Assim, era feito naquela época em que não existiam todas as facilidades de hoje, ou seja, aparelhos de som, televisão, microfones, gravações etc. Mas, existia a boa vontade e a inteligência do homem, que se desdobrava para fazer da verdadeira arte, o melhor possível.

CAPÍTULO LXXIV - ASSOCIAÇÃO AUXILIADORA DAS CLASSES LABORIOSAS

Fundada em 1891, dedica-se à assistência médico-hospitalar e laboratorial das classes laboriosas, situada à Rua Roberto Simonsen nº 22, nesta Capital.

Possui um corpo médico numerosíssimo em todas as especialidades, inclusive casa de saúde e hospitais que prestam serviços eficientes no tratamento de seus associados.

Sou sócio dela há sessenta anos, matrícula nº 1929 e, sempre fui bem atendido, no decorrer destes anos. Possuía na sua sede um teatro onde, no passado, realizavam-se concertos musicais, teatro, festivais e até bailes memoráveis de grata recordação.

Uma digna corporação de assistência social.

CAPÍTULO LXXV - ANTÔNIO CARLOS GOMES

Célebre compositor brasileiro, nascido em Campinas, Estado de São Paulo. Suas primeiras óperas foram “Joana de Flandres” e a “Noite do Castelo”.

O compositor estabeleceu-se em Milano, Itália. Em 1870, levou à cena no Teatro Alla Scala a ópera “Il Guarany”, obtendo grande sucesso. Esta ópera foi depois representada em Londres e outras capitais européias, sempre com grande brilho.

Escreveu também “Salvador Rosa”, “Fosca”, “Maria Tudor” e “Lo Schiavo”. O seu trabalho revelou grande conhecimento de orquestração, muito brilho e paixão dramática, como fiel discípulo de Meyerbier.

Todas as suas aberturas e algumas fantasias de suas óperas foram executadas pela nossa orquestra, principalmente a Protofonia do “Guarany” e a “Alvorada do Escravo”.

Os elementos da nossa orquestra ficavam todos empolgados durante a execução de suas obras.

A única gravação existente do “Guarany” foi feita pelo Maestro Armando Belardi com artistas nacionais. Esta companhia levou à cena a ópera em apreço, nos teatros italianos, obtendo grande sucesso, sempre na regência do citado maestro.

Rendamos a ele a nossa homenagem como o maior compositor nacional no genero.

CAPÍTULO LXXVI - GUGLIELMO MARCONI

No dia primeiro de outubro de 1935, passava de bonde no Largo da Concórdia e, logo em seguida, em frente à Estação do Norte (hoje Roosevelt), quando vi um aglomerado de gente com a bandeira italiana. Desci do coletivo e fui indagar o que estava acontecendo naquela manhã chuvosa.

Fui informado que, procedente do Rio de Janeiro, ali estava chegando Guglielmo Marconi. Entrei na gare da estação, justamente na hora em que desembarcava do trem o grande cientista acompanhado de sua mulher.

Senti uma grande emoção por esse memorável acontecimento, imprevisível para mim. Lá estava o homem criador da telegrafia sem fios e que tantos benefícios trouxe para a humanidade.

CAPÍTULO FINAL

E assim, se conta um resumo de fatos da história de São Paulo, cidade onde nasci no princípio do século passado, narrando seus principais acontecimentos e, porque não dizer, também “algumas” de minhas travessuras pois, no conceito dos meus pais e demais familiares, eu “sempre” fui bem comportado, boas notas na escola, bom filho, bom irmão etc.

Fui sincero nas minhas narrações. Poderá ter havido alguma omissão ou engano nos fatos por mim contados, pois minha memória não é infalível.

Procurei ser imparcial, apesar de alongar-me nos assuntos de minha predileção.

Os fatos aqui narrados não obedeceram nenhuma ordem cronológica, o que seria impossível, pois foram escritos de acordo com o que minha memória permitiu.

Creio que este livro tenha sido do seu agrado. Se não o foi de todo, peço que me desculpem.

Os meus sinceros agradecimentos aos que agradei e as minhas escusas aos que não agradei; não o fiz de propósito, acreditem.